

EXPERIÊNCIAS DOCENTES DE LEITURA:

entre memórias e narrativas



Organizadoras:

Letícia Queiroz de Carvalho | Marcela Alvarenga Toniato Cora

EXPERIÊNCIAS DOCENTES DE LEITURA: ENTRE MEMÓRIAS E NARRATIVAS



Pedro & João
editores

Letícia Queiroz de Carvalho
Marcela Alvarenga Toniato Cora
(Organizadoras)

EXPERIÊNCIAS DOCENTES DE LEITURA: ENTRE MEMÓRIAS E NARRATIVAS



Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Letícia Queiroz de Carvalho; Marcela Alvarenga Toniato Cora [Orgs.]

Experiências docentes de leitura: entre memórias e narrativas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 105p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0573-1 [Digital]

1. Experiências docentes. 2. Leitura. 3. Memórias. 4. Narrativas. I. Título.

CDD – 370

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
Letícia Queiroz de Carvalho Marcela Alvarenga Toniato Cora	
PREFÁCIO	9
Mayelli Caldas de Castro	
LEITURAS NO GRANDE TEMPO: MACHADO DE ASSIS E A FORMAÇÃO DOCENTE	13
Letícia Queiroz de Carvalho Marcela Alvarenga Toniato Cora	
NARRATIVAS DOCENTES: MEMÓRIAS E LEITURAS	
SOBRE “CALANGOS” E CABELOS DESALINHADOS	31
Amarilis Aguiar de Souza	
DO REAL AO IMAGINÁRIO: SOBRE O QUE REVELAM MINHAS MEMÓRIAS DE LEITURAS	37
Andreia Lima Silva	
JANELAS DA MINHA INFÂNCIA	43
Claudia Rodrigues Muzy Fernandes	
MINHAS MEMÓRIAS LITERÁRIAS	49
Eliana Claudino de Jesus Souto	
MEMÓRIAS LITERÁRIAS	53
Fabiana Marins Coimbra de Almeida	

MEMÓRIAS? PARA QUE AS QUERO?	59
Isla Regina Silveira de Resende	
RESISTIR E PERSISTIR: AS DIFICULDADES PARA ME FORMAR LEITORA DE LITERATURA	65
Joyce Sthephany Fonseca Moreira	
LEITURA, UM MUNDO DE DESCOBERTAS	73
Marcella Pontes de Oliveira Barbosa	
EXPERIÊNCIAS DE LEITURA QUE ME (TRANS)FORMARAM	77
Monize Fiorin Goldner	
REVIRANDO MINHA CAIXA DE MEMÓRIAS	83
Regina Célia Marinho Coutinho	
AULAS DE LEITURA, UM ATO UTILITÁRIO	89
Vandercileia dos Santos Barbosa de Lima	
MEMÓRIAS LITERÁRIAS	95
Willian Timóteo Oliveira	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	103
SOBRE OS AUTORES/AUTORAS DAS NARRATIVAS DOCENTES	105

APRESENTAÇÃO

O que lê quem forma o leitor? Que experiências de leitura provocam as produções da tradição literária lidas por alunos e professores? Qual o papel da leitura na formação docente? Essas e muitas outras questões emergem no contexto da formação de professores, no que tange às propostas pedagógicas de leitura na educação básica, cenário em que a leitura de literatura ainda ocorre, em alguns espaços educativos, de maneira pouco articulada à realidade dos alunos, dos docentes e da própria comunidade escolar.

Os processos de formação continuada na área de Letras podem se constituir importantes espaços formativos no que concerne à formação leitora de professores, de modo a potencializar a socialização das experiências de leitura, seja por meio de relatos de experiência, seja por meio de narrativas em que o tom memorialístico traz à baila elementos teóricos atrelados à vida concreta, os quais provocam debates e reflexões acerca do ensino de literatura na sala de aula do Ensino Fundamental.

Sob tal ótica, propusemos a doze professores da educação básica da rede pública capixaba, cinco oficinas organizadas em torno de contos de Machado de Assis, no âmbito do Profletras – Mestrado Profissional em Letras do Ifes Vitória, em uma perspectiva dialógica, cujas experiências de leitura, para além do tempo presente, indicam importantes situações sociais, históricas e pedagógicas que poderão subsidiar novas reflexões sobre a leitura de literatura na sala de aula, de forma crítica, alinhada à cultura e às complexas e desafiadoras questões sociais.

Que a leitura dessas memórias possa provocar novos debates e questionamentos sobre a docência na área de Letras, o importante papel da literatura no contexto educacional, a formação docente e os possíveis desdobramentos da leitura nesses processos formativos,

ampliando as vozes docentes nos diálogos essenciais com os textos literários no grande tempo da cultura.

Boa leitura!
As organizadoras

PREFÁCIO

Que me deem uma boa razão para que os jovens se apaixonem pela Ciência. Para isso seria necessário que os cientistas fossem também contadores de estórias, inventores de mitos, presenças mágicas em torno das quais se juntassem crianças e adolescentes, à semelhança do flautista de Hamelin, feiticeiro que tocava sua flauta encantada e os meninos o seguiam... Todo o início contém um evento mágico, um encontro de amor, um deslumbramento no olhar... É aí que nascem as grandes paixões, a dedicação às causas, a disciplina que põe asas na imaginação e faz os corpos voarem.

(Rubem Alves)

Em sua obra *Estórias de quem gosta de ensinar*, Rubem Alves nos chamava atenção para a importância do encantamento pelo objeto (de estudo, de desejo), a paixão, para que se brote o amor, o amor pelo saber, o *Amor ao Saber*. Na referida crônica, o autor nos provoca “*Conhecimento é coisa erótica, que engravida. Mas é preciso que o desejo faça o corpo se mover para o amor. Caso contrário, permanecem os olhos, impotentes e inúteis... Para conhecer é preciso primeiro amar*”.

E assim, como o flautista de Hamelin consegue um feito tido como extraordinário com sua flauta, Rubem Alves nos questiona “*Que mágico, dentre nós, será capaz de conduzir o fogo do amor pela Ciência? Que estórias contamos para explicar a nossa dedicação? Que mitos celebramos que mostrem aos jovens o futuro que desejamos?*”.

E nós professores e pesquisadores, que estórias estamos contando?

A presente obra reúne textos de educadores, professores pesquisadores, com suas memórias e narrativas acerca do trabalho, tão importante, com o ensino de leitura e formação de leitores na educação básica, sobretudo, é uma obra que versa sobre linguagens e literatura.

As palavras *experiências*, *leitura*, *memórias* e *narrativas* se destacam no título do livro, nos direcionando para o que iremos encontrar: relatos, vivências humanas de educadores “flautistas”, sonhadores, professores dedicados e preocupados com seu papel mediador ao ensinar leitura literária na escola, educadores com suas narrativas, plantando sementes de amor pelo saber, de amor pela leitura e pela literatura, sementes libertadoras de formação de sujeitos leitores. É uma obra necessária para os tempos atuais, tempos em que, talvez, já não saibamos mais falar sobre esperanças. Falar sobre o ensino de leitura e literatura é também falar sobre esperanças. Falar sobre a própria experiência leitora, e estórias vivenciadas pela leitura e imersões literárias é falar sobre esperanças. Que continuemos então a nos atrever a falar sobre esperanças, sobre nossas estórias e memórias enquanto leitores, que saibamos resgatar esse amor pela leitura, ressignificando olhares e experiências sobre o próprio ato de ler, de ser, de ensinar a ler o texto, o outro, o mundo e a vida.

Os autores deste livro publicam suas narrativas e memórias docentes concernentes ao ensino de leitura e literatura, com a grande motivação e propósito de difundir seus conhecimentos construídos por meio de experiência profissional, aperfeiçoada pela formação no programa do Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras. As memórias literárias, compartilhadas aqui por estes professores autores, são resgates de momentos e experiências em suas práticas de ensino, que serão ressignificadas e reconstruídas para novos horizontes e contextos escolares. Essa é a mágica! É assim que conduziremos o fogo do amor, é assim que as canções produzidas por nossas flautas irão traçar um caminho novo, livre e quiçá mais humano, justo e ético.

Carvalho, uma das autoras e organizadoras desta obra, sempre ressaltou, enquanto professora do ProfLetras, e também em várias de suas publicações, a preocupação em construir o fazer docente pautado em práticas de leitura embasadas em interlocuções teórico-metodológicas que permitam que o ensino de literatura esteja conectado “à discussão social mais ampla”, englobando todas as questões essenciais para a formação cidadã.

Assim, espera-se que a leitura destes textos proporcione uma feliz oportunidade de reflexão, crescimento, emancipação, criação e de

resgate de suas próprias memórias e estórias, caro leitor. E que a partir desta leitura, novos caminhos e direcionamentos se abram para a criação de novos fazeres docentes, para a construção de novas narrativas e experiências sobre o modo de ensinar leitura e literatura, e que todos esses caminhos contribuam efetivamente para o fortalecimento da literatura na escola e na sociedade.

Mayelli Caldas de Castro
Doutora em Linguística Aplicada – UFMG
Professora do ProfLetras – IFES Vitória

LEITURAS NO GRANDE TEMPO: AS NARRATIVAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Letícia Queiroz de Carvalho
Marcela Alvarenga Toniato Cora

A leitura literária na perspectiva do grande tempo de Bakhtin (2017) nos possibilita uma ampliação de conhecimentos acerca do texto literário, do contexto em que o texto foi escrito, sobretudo, uma melhor leitura sobre nosso tempo. O grande tempo é uma categoria conceitual proposta por Bakhtin (2017) e se expressa na compreensão textual através dos tempos, ou seja, de modo dialógico os saberes do período em que o texto foi escrito, em confronto com os saberes do contexto atual no espaço-tempo do leitor. Sua contribuição vai além da discussão dialógica entre culturas, pode auxiliar na autonomia da leitura e da escrita conforme aponta Brait (2015). Para ela, Bakhtin propõe uma metodologia de ensino dialógica da linguagem, de modo que a gramática, não estivesse isolada dos contextos orais de comunicação do indivíduo, pois são as duas instâncias, leitura e escrita, que promovem a autonomia e a cidadania. Podemos observar no excerto, conforme tece (BRAIT, 2015, p. 11):

Há explicitamente nesse trabalho de Bakhtin a demonstração de que ele estava atento ao contexto escolar e à crise do ensino de língua em curso desde o início do século XX, e que sua situação consistia em rever a posição do ensino de gramática na escola, considerando que uma certa estilística, então no centro de suas preocupações, poderia, se articulada à gramática, auxiliar os professores e levar os alunos a um conhecimento ativo de procedimentos característicos da língua literária, e, também, da língua do cotidiano, da língua viva, em uso.

Neste ponto, podemos perceber a preocupação de Bakhtin, com a crise no ensino da língua materna nas escolas, e como o ensino dialogado,

os quais estimulem a reflexão acerca da escrita e da leitura literária podem auxiliar na apropriação da língua por parte do aluno, por estimular “[...] aspectos constitutivos da relação sujeito/linguagem, comunicação/expressividade, leitura/produção/autoria” (BRAIT, 2015, p.17).

Circunstâncias que não diferem de nosso contexto educacional, conforme discute Brait (2015) ao retratar que a crise no ensino da língua materna, se esboça em outros níveis, além da sala de aula como entraves políticos nas legislações de ensino, alterações nas abordagens científico-metodológicas e a evolução dos materiais didáticos, sendo que não tem alterado os índices qualitativos de ensino.

No contexto da educação regular, Cosson (2013) explica que nos cursos de formação em Letras não há uma disciplina que trate especificamente de aulas de literatura, e ainda, na academia, os professores abordam perspectivas amplas da literatura e desconsideram que os discentes irão atuar na educação básica. Ainda, o autor explica que as disciplinas de Estágio Supervisionado são executadas por professores da área de Educação e não conseguem construir um diálogo com a área de Letras, sobretudo, para o ensino de literatura, e por essa razão ficam lacunas. O pesquisador ainda observa o fato de que os professores no Ensino Médio, ainda precisam lidar com o desapareço dos alunos em relação às obras da tradição literária por estarem “distante temática e linguisticamente de seu horizonte cultural” (COSSON, 2013, 18).

De acordo com Compagnon (2009), a literatura tem o poder de divertir e ao mesmo tempo edificar. Porém, seu teor formativo no ensino regular está aquém em todo processo educacional, uma vez que não há uma apreciação da capacidade intelectual centrada na valorização da leitura. Por isso, expõe que nas disciplinas de literatura ocorre uma inércia por pontos e aprovação nas matérias que subtrai a experiência crítica literária.

Os pesquisadores Chaves, Ghiggi e Ourique (2018), com base em Walter Benjamin, apontam que a formação do leitor passa por apresentar múltiplas formas de ver e experienciar o mundo, no entanto, essa possibilidade de ensino tem sido pouco explorada nos espaços formais de ensino. E a falta de diálogo entre as obras de arte com o mundo da vida e da cultura dos indivíduos fragmenta a experiência

estética, uma vez que é resultado da difusão e da desvalorização da arte de tradição na contemporaneidade, numa espécie de desapropriação de si que o homem vivencia.

Desse modo, compreendemos haver possibilidades, a partir do campo literário, de promover discussões instigantes e atualizadas no âmbito do grande tempo Bakhtiniano. Tal perspectiva nos ampara a trazer o texto da tradição literária dialogando com a sociedade do contexto do texto, com o panorama da sociedade contemporânea. Sobre o texto literário (COMPAGNON, 2009, p. 50) nos lembra:

A literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorreia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia. Percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes. A literatura nos liberta de nossas maneiras de pensar a vida, ela arruína a consciência limpa e a má-fé. Resiste à tolice não violentamente, mas de modo sutil e obstinado. Seu poder emancipador continua intacto, o que nos conduzirá por vezes a querer derrubar os ídolos e a mudar o mundo, mas quase sempre nos tornará simplesmente mais sensíveis e mais sábios, em uma palavra, melhores.

Sendo assim, por toda a contribuição que a tradição literária pode provocar em nós, em nossa compreensão das questões sociais e humanas, percebemos o motivo pelo qual ela tem sido o alvo de desinteresse do capitalismo moderno uma vez que potencializa a venda de obras acríticas. O contato com o texto literário muda nossa forma de pensar e amplia nossas percepções acerca do mundo. Candido (2011) aborda o poder da palavra organizada do texto ficcional sobre nossas emoções e nossa visão de mundo de forma consciente e inconsciente. Logo, seja de modo perceptível ou não, a palavra organizada do texto literário, “[...] nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo” (CANDIDO, 2011, p. 179).

Diante das potencialidades que a literatura pode proporcionar, precisamos discutir alguns princípios acerca do ensino da leitura literária na educação básica, para que esse processo se encaminhe de forma crítica e mediada. Primeiro, Geraldi (2021) nos lembra o fundamento da alteridade proposto por Bakhtin, no qual durante a relação com o outro, deve ser preservada a individualidade de cada um, mas este

contato, mudará não só a mim, como o outro também. O autor afirma que ela está presente em todo dinamismo das relações humanas. E sobre a linguagem discute que cada contrapalavra expressa um universo de compreensão particular, de cada novo signo, para cada pessoa. E este signo deixa de existir fora do contexto de enunciação, ou seja, nessas relações de alteridade somos levados a reconstituir novas significâncias por meio de nossa própria atividade comunicativa.

Para Oliveira (2018) a alteridade na perspectiva Bakhtiniana é responsável pela constituição dos sujeitos, e por meio da linguagem, é combustível para a arquitetura de valores em diferentes instâncias sociais. Geraldi (2021) ressalta que o princípio da alteridade se manifesta em diferentes campos de estudos de Bakhtin, nos estudos da linguagem, na compreensão de cada novo signo e em como cada indivíduo aprende de formas distintas, na literatura, nos estudos sobre cultura e ética por meio da responsividade. Assim, ela compõe a relação entre mim e o outro, ou seja, “[...] A alteridade é o espaço da constituição das individualidades: é sempre o outro que dá ao eu uma completude provisória e necessária, fornece os elementos que o encorpam e que o fazem ser o que é” (GERALDI, 2021, p. 12-13).

Assim, está nas relações do cotidiano, na troca de subjetividades e experiências, o elemento fundamental de formação dos indivíduos, uma vez que estamos em constante processo de aprendizagem, no limiar da fronteira entre o outro e o mim. Portanto, para nossa análise sobre as narrativas docentes, este princípio é significativo, pois é no cotidiano do professor e em seus discursos que buscamos identificar pontos para discussão e ressignificar o ensino de literatura na sala de aula. Neste escopo, podemos ilustrar com a pesquisa de Castro (2009) e antes de apresentar a alteridade em seu estudo, a pesquisadora tece sobre o aspecto da discursividade na dimensão dialógica e polifônica de Bakhtin. Para ela a discursividade precisa ser compreendida no âmbito social, histórico, cultural e ideológico para melhor assimilar o movimento da compreensão de sentidos e como se processam na atividade de ensinar e aprender, considerando que o sujeito está em constante ir e vir, sobre suas impressões acerca do outro e sobre si mesmo em sua atuação profissional.

Em sua pesquisa intitulada “Discursividade dialógico-polifônica na formação de professores”, analisa a Competência oral-enunciativa em língua inglesa (COE), em distintos locais discursivos. Por meio dos pressupostos de Bakhtin e do Círculo, a pesquisadora aponta que tais princípios são compreendidos com melhor fluidez a partir das relações discursivas, e de igual modo, a alteridade. Segundo ela, Bakhtin não produziu conceitos, mas nas relações linguísticas em diferentes atividades ele foi percebendo e construindo categorias de conhecimento acerca do discurso que nos auxiliam em distintas análises em diferentes contextos. E a alteridade é um dos diversos pontos analisados por ela, sendo observada a partir da avaliação de dois grupos de professores no ensino de língua estrangeira: Licenciandos e Licenciados. A pesquisadora percebeu que no primeiro grupo, de Licenciandos, eles possuem uma Competência oral-enunciativa idealizada, a ser atingida, o que faz com que suas percepções sobre si mesmos estejam sempre aquém do ideal de apropriação linguística em língua inglesa, ou seja, enquanto aprendizes não se reconhecem falantes da língua inglesa, denegando-se pela falta de vocabulário, ausência de falar a língua, ausência de um falar certo e na própria incompletude. No segundo grupo, de professores licenciados, a alteridade se expressou em momentos antes, durante e depois do curso de Letras, em experiências vivenciadas com professores, colegas e diretores. Neste grupo, a pesquisadora percebeu que a alteridade está marcada pelo desejo da fluência e da pronúncia do outro, o nativo em língua inglesa, e no presente se encontram como sujeitos a espera de uma competência oral e enunciativa idealizada, como no primeiro grupo avaliado.

Neste ponto, enquanto professores, essa expectativa da fluência e da pronúncia funciona como um entrave para suas práticas no ensino de língua inglesa na sala de aula. No entanto, a pesquisadora revela que no aspecto da resistência, alguns professores puderam aprender e melhorar sua Competência oral-enunciativa em Língua Inglesa, no cotidiano da sala de aula, juntamente com seus alunos, e assim, prosseguir ensinando. Por fim, Castro (2009) conclui que os sujeitos representados na pesquisa nos dois grupos, são atravessados por discursos localizados histórica, cultural e ideologicamente, e estes

dialogam com suas próprias interpretações e expectativas, direcionando suas percepções a uma constituição assujeitada de si mesmos.

Sendo assim, diante do exemplo que trouxemos percebemos que a alteridade é um princípio bakhtiniano relevante por exercer influência na construção dos sujeitos, uma vez que impacta no dinamismo das relações, sobretudo na formação dos professores e no modo em como exercem a profissão no cotidiano escolar. Desse modo, a alteridade em nosso trabalho é um elemento constitutivo de nossa análise com as narrativas docentes dos professores que atuam na educação básica em face dos discursos da atualidade sobre o ensino de literatura. Por isso, recrutaremos outro princípio bakhtiniano, o “Ato Responsável”, para nosso estudo.

Portanto, agora iremos discutir sobre o “Ato Responsável”, princípio que norteia o pensamento Bakhtiniano e o Círculo. O Círculo de Bakhtin entende a comunicação como uma realização concreta da interação verbal, pois entende que toda palavra procede de alguém para alguém (BRAIT, 2009). Kramer (2021), com base em Bakhtin, compreende que o Ato Responsável passa pelo agir ético, quer dizer, ela é uma atividade para fora, que altera as relações externas. Ele se constitui como uma ação concreta única e irrepetível. Sobre isso, ela continua que enquanto professores carecemos de nos posicionar responsabilmente com o que falamos e de responder ao outro com atitudes e sapiência no desdobramento desse diálogo. Sobre o diálogo ela conclui:

O conceito de diálogo contribui para a reflexão sobre esse ponto. O desafio de reconhecer o outro implica atuar na educação de tal modo que seja possível não só que eu exerça o papel da primeira pessoa (aquela que fala) e dá valor ao tu (aquele com quem eu falo), mas também assegure a voz do outro (esse terceiro de quem eu/nós sempre falo ou falamos, sobretudo de modo a transformar esse outro (ele, ela, a terceira pessoa) [...] exercer a educação como resposta responsável requer que no diálogo, ele (o outro) se torne uma primeira pessoa, que também fala e, ao fazê-lo, me torna um tu (KRAMER, 2021, p. 32)

Assim, o agir responsável em nossa prática docente se enlaça no senso ético de um acordo mútuo comunicacional, em que ambos concordam em alternar os papéis entre o eu e o outro do discurso para que nele se estabeleça a comunicação responsiva a partir do respeito

aos valores, culturas e subjetividades. Desse modo, na contrapalavra permitimos que novos conhecimentos se sedimentem e possibilitem a nossa transformação e a do outro. Neste contexto, acerca da pesquisa em educação concordamos de igual modo com a fala da autora sobre os caminhos possíveis da educação, dentre eles o de nos revelar o mundo e, sobretudo, ter a possibilidade de transformá-lo. Assim, a pesquisadora certifica que precisamos garantir condutas baseadas na respeitabilidade dos interlocutores, ao passo que estes estão cobertos de prismas metodológicos e teóricos distintos.

Para Geraldi (2021) é na responsividade que o mundo da vida e o mundo da cultura se alicerçam. Neste sentido, Szundy (2014) tece sobre o âmbito da filosofia moral bakhtiniana que precisamos agir responsabilmente em nossas relações, sobretudo na dinâmica de Bakhtin, do [...] *eu para mim*, do *eu para o outro* e do *outro para mim*” (SZUNDY, 2014, p. 14). A autora explica que essa abordagem se refere à dialogicidade da língua presente em situações concretas de fala e são ressignificadas na existência. Por isso, segundo ela, as concepções de Bakhtin e o Círculo são recrutadas para nos auxiliar a compreender os contextos educacionais contemporâneos, dados as conjunturas culturais, históricas e ideológicas que foram arquitetadas ao longo dos séculos. Desse modo, sua importância nos processos educacionais está na forma de ampliar nosso conhecimento acerca da intencionalidade de nossos atos. Educar, então, seria uma decisão repleta de desígnios a serem atendidos, mas também de interdependência. Cada indivíduo transporta consigo um excedente de visão incompleto, que se completa no inacabamento do outro, conforme discute (GERALDI, 2021, p. 18):

[...] o professor depende crucialmente do aluno, para sua completude e sucesso como professor: do que ele conhece (onde ancorará o novo) e de seu engajamento no projeto de futuro que lhe é exposto em cada gesto, em cada conteúdo, pois é o compromisso com o futuro que justifica a própria existência da relação pedagógica.

Sendo assim, a essência da relação de aprendizagem se processa na esfera dialógica para que se completem de modo intermitente e contínuo. Por isso, propomos que através do diálogo literário, a autorreflexão dos professores, por meio das narrativas que irão

produzir, como conhecimento científico, é uma forma de contribuir em novas formas de pensar as práticas de ensino em leitura literária.

Kramer (2021) explica que na concepção bakhtiniana o conhecimento se estabelece em um contexto tenso e múltiplo, e por isso a escola se coloca diante desta ambivalência, isso significa que ela considera as diferenças e por meio delas combate a desigualdade, e assim, assegura a aprendizagem dos conhecimentos particulares e universais, por meio da compreensão histórica. Para ela “[...] É belo poder se conhecer, se deixar alterar, se surpreender” (KRAMER, 2021, p. 31).

Sobre o ensino de literatura no Brasil, quando olhamos o percurso histórico bem como, a metodologia aplicada para a abordagem do ensino de literatura na educação básica, para a formação de leitor, Becalli e Schwartz (2015) nos revelam que “[...] a simples inserção dos indivíduos nesse *lócus* de formação não vem possibilitando a aprendizagem da leitura” (BECALLI e SCHWARTZ, 2015, p. 14), ou seja, a escola ainda não encontrou as fundamentações mais viáveis que embasem a prática docente no ensino de leitura para a formação de leitores, de maneira mais assertiva. Por isso, o fato de estar na escola não garante ao aluno uma aprendizagem que favorece o domínio e compreensão da leitura e da escrita. Assim, as pesquisadoras mostram através de dados que de 2001 a 2011, sobre o alfabetismo funcional em habilidades como escrita, leitura e matemática que os investimentos na educação foram mínimos diante do pequeno avanço nos resultados, em critérios fundamentais de participação do indivíduo na sociedade letrada. Outro dado importante que elas discutem, é que os estudantes da educação básica, na faixa dos 15 anos, no Brasil, tiveram rendimento baixo em 2012, no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA). Este parece ser um indicador de que o ensino de leitura no país se encontra em *déficit*, conforme avaliam as pesquisadoras:

Como pode ser notado, mesmo com ressalvas, os resultados dos estudos realizados pelas avaliações, em larga escala, permitem pressupor que o ensino da leitura no Brasil vem dando sinais de fracasso. Nesse contexto, algumas questões parecem importantes: Por que a persistência dos baixos índices de leitura? Que formas e modos de ensinar podem estar produzindo os baixos índices? (BECALLI e SCHWARTZ, 2015, p. 14).

A partir dos questionamentos trazidos pelas pesquisadoras podemos nos direcionar no sentido de identificar que a sistematização de metodologias que favorecem a apreensão da leitura por parte dos alunos, vai além da intencionalidade. As políticas voltadas ao desenvolvimento da leitura literária para a formação de leitores precisam considerar as lacunas educacionais e os baixos níveis apresentados para ressignificar os processos e metodologias que embasam o ensino de literatura na atualidade. Conforme pontua Geraldí (2010) é longo o percurso para a formação do docente, pois exige aquisição de conhecimento, ou seja, leva tempo para que o indivíduo construa sua identidade de professor. O autor pontua que o professor de hoje é resultado de toda a bagagem histórica a que foi submetido em sua formação e por isso, há grandes chances de que esses educadores, apenas se formaram ao invés de se tornarem professores.

Diante disso, podemos retomar as observações de Cosson (2013), no início do texto, que indica que os cursos de formação de professores deixam lacunas em relação ao ensino de literatura, por não conter disciplinas que abordem especificamente o ensino de leitura literária na sala de aula. Por isso, uma parte do fracasso na formação de leitores na escola soma-se a abordagem ampla da literatura que desconsidera que o professor irá atuar na educação básica, ao despreço dos alunos pela tradição literária. Assim observamos que existem muitos pontos que são desfavoráveis ao ensino literário, bem como, no modo como a literatura é tratada no ensino da educação básica e por isso, há problemas na forma como ela é abordada pelo professor em sua prática docente.

Logo, caminhamos na investigação das narrativas docentes como forma de buscarmos compreender se as práticas de leitura literária são realizadas, como são realizadas, se há êxitos e de que modo os desafios para tal prática se apresentam. Então, como proposta desta interlocução abrimos espaço para as vozes docentes, a fim de que possamos discutir com os professores e ressignificar o ensino de leitura literária na sala de aula, por meio das oficinas propostas em nosso Produto Educacional.

Sob tal ótica, nossa proposta investigativa se processa na análise das narrativas docentes orais e escritas, em situações reais de discussão a

partir dos contos machadianos, uma vez que compreendemos que a apropriação da linguagem não está separada da vida social (SZUNDY, 2014, p. 18). Portanto, a partir dessas interações iremos nos relacionar com nosso objeto, as narrativas escritas/orais produzidas pelos docentes da rede pública capixaba, mestrandos do Profletras – Ifes Vitória.

Para melhor compreender as possibilidades de trabalho do professor e a dialogicidade entre a cultura e os desdobramentos dela sobre a vida cotidiana, nos direcionaremos a compreender o valor de trazer para a cena da pesquisa as vozes docentes. Por meio das discussões em torno da literatura, pois entendemos que a aprendizagem do texto não está deslocada da cultura, e por isso a ótica do grande tempo de Bakhtin, nos auxiliará nessa empreitada, de dialogar a tradição literária com a sociedade hodierna e no entendimento de práticas docentes críticas.

Sobre as narrativas docentes, Seródio e Prado (2015) esclarecem que elas são produzidas cotidianamente pelos professores ao dialogarem entre si por meio da oralidade, sobre suas práticas, e por isso, são um modo legítimo de transformar tais saberes em conhecimento científico, transformando-as em narrativas escritas. No âmbito das conceituações metodológicas de Bakhtin sobre o uso de narrativas, Seródio e Prado (2015) afirmam que em cada período e época, cada grupo tem uma maneira peculiar de se expressar. Assim, segundo os autores é possível interpretá-las e estabelecer um diálogo com as narrativas, de modo dialógico e intertextual. Para Seródio e Prado (2015, p.53) são experiências e por isso:

As narrativas pedagógicas buscam resgatar acontecimentos das aulas, seja para dizer de seus processos de aprendizagem que não cabem na linguagem verbal (como fotos, filmes, trabalhos pedagógicos dos alunos), seja para contar momentos em que esses registros de avaliações dos alunos não dão conta, até se configurarem como método de produção de “dados” e textos de análise em investigações científicas, orientando-se pelas proposições e fundamentações bakhtinianas.

Neste contexto, Seródio e Prado (2015), discutem por meio dos pressupostos de Bakhtin, que a comunicação dos professores transformada em narrativas escritas revela circunstâncias da vida, o

espírito de organização desse grupo e suas ideias, uma vez que ideologicamente são determinadas pela influência das estruturas sociais e políticas que a envolvem. Por isso, são consideradas um método científico de pesquisa, que podem auxiliar em novas formas de pensar o ensino, sobretudo, de literatura. Sobre as narrativas Kramer e Souza (1996) discutem, com base em Walter Benjamin, que o valor de resgatar as narrativas está em possibilitar que o homem se veja como parte constitutiva da História. E sem a narrativa, esquecemos quem somos e nos desconectamos de toda tradição produzida pelo homem, em outras palavras, nos desumanizamos. Por isso, elas explicam que “[...] a tarefa da humanidade é a de restaurar o sentido da narrativa, no qual a linguagem não mais se esgote nos clichês de uma língua morta” (KRAMER e SOUZA, 1996, p. 15). Isso significa que precisamos nos conectar com a História por meio das experiências e das memórias com o intuito de resgatar a capacidade do indivíduo em tornar esse conhecimento comunicável em narrativas e textos que se ressignificam e ganham novos sentidos.

Considerando os participantes de nossa pesquisa, professores que cursam o Programa de Mestrado Profissional em Letras do Instituto Federal do Espírito Santo (ProfLetras), no contexto da educação básica, trazemos neste livro as narrativas docentes desses sujeitos, por meio das experiências de leitura dos seus tempos escolares, realizadas em encontros dialógicos na sala de aula do Profletras. Neste contexto, buscamos analisar a compreensão dos professores acerca de suas experiências literárias e suas implicações na sala de aula, e de que forma tal concepção sobre Machado de Assis impacta nas práticas de leitura na sala de aula, por meio dos contos desse autor. Por isso, utilizaremos Metodologia de Pesquisa Narrativa de Seródio e Prado (2015), por meio da análise das narrativas docentes no intuito de dar protagonismo aos professores para que se expressem e reflitam sobre a própria prática nas aulas de ensino de literatura de modo dialógico.

Assim, o pragmatismo do cotidiano escolar, ou as forças que tensionam a uma educação alienante, não podem esmagar o propósito da relação dialógica entre o educador e o educando. Ainda, tampouco a nossa consciência que nos leve à zona de conforto, desmanchando o

espírito de resistência em relação às intransigências impostas pelo *establishment*¹.

Além da dialogicidade entre educador e educando, ela pode fazer parte na relação entre conhecimentos de professor e aluno, com o texto em seu pequeno tempo e no confronto com questões de nosso tempo no grande tempo bakhtiniano, conforme destaca “[...] uma obra de literatura se revela antes de tudo na unidade diferenciada da cultura de sua época de sua criação, mas não se pode fechá-la nessa época: sua plenitude só se revela no grande tempo” (BAKHTIN, 2017, p. 16). Por isso, para trabalhar a literatura na sala de aula, de modo contextualizado, precisamos compreender alguns movimentos em seu percurso, sobretudo, na atualidade, a partir do diálogo entre o texto, a cultura e seus leitores. Bakhtin (2018) esclarece que é por meio do encontro entre os diferentes níveis de gêneros de enunciados que o discurso se constrói e permite transformar a linguagem literária em cada época. Logo, afirma:

Toda ampliação da linguagem literária à custa das diversas camadas extraliterárias da língua nacional está intimamente ligada à penetração da linguagem literária em todos os gêneros (literários, científicos, publicísticos, de conversação, etc.), maior ou menor grau, também dos novos procedimentos de gênero de construção do todo discursivo, do seu acabamento, da inclusão do ouvinte ou parceiro, etc., o que acarreta uma reconstrução e uma renovação mais ou menos substancial dos gêneros do discurso. Quando recorremos às respectivas camadas não literárias da língua nacional estamos recorrendo inevitavelmente também aos gêneros do discurso em que se realizam essas camadas (BAKHTIN, 2018, p. 268).

Sendo assim, percebemos o movimento em que a literatura foi passando no decorrer da história e respectivamente sua influência na sociedade ao mesmo tempo em que era influenciada por ela. Percebemos em sua trajetória que em alguns momentos alguns estilos textuais foram mais utilizados que outros, como, por exemplo, o romance. Hoje, literatura contemporânea apresenta várias tendências e dentre elas a escrita autobiográfica, estilo que torna tênue os limites entre a verdade e

¹ Establishment: 1- a ordem ideológica, econômica, política e legal que constitui uma sociedade ou um Estado; 2- a elite econômica e social de um país. Fonte: Oxford Languages.

a ficção a partir das memórias narradas. Tal movimento coaduna com a dinâmica da sociedade atual do “eu inflacionado” estimulado pelas redes sociais conforme tece Sibília (2016) que cotidianamente uma infinidade de histórias sobre si são produzidas e compartilhadas. Percebemos que nem tudo que é dito ou compartilhado nas redes sociais tem relevância, ou seja, muito do que é disseminado nas mídias é voltado ao consumo sem pausa (DEBORD, 2013).

Por isso, todo o barulho destas muitas vozes que repercutem massivamente, tem provocado o silenciamento de outras vozes, sobretudo a dos professores, que não possuem um espaço apropriado para que discutam suas questões, anseios e dificuldades em seu cotidiano da sala de aula. Portanto, ao nos debruçarmos sobre nossa investigação, nosso propósito é estimular a escrita de si pelos professores, a partir de suas memórias, contextualizada para a prática docente nas aulas de literatura. Ao narrar suas experiências os professores poderão ter a experiência de refletir sobre elas e ressignificá-las a partir das vivências com as leituras dos contos machadianos no âmbito do grande tempo.

Klinger (2006) explica que falar de si, está em consonância com a sociedade atual contextualizada na espetacularização do sujeito (DEBORD, 2013). Para além dessa espetacularização, o protagonismo desse grupo de professores se passa na perspectiva de dar oportunidade de narrarem suas experiências, e reconstruí-las como autores de uma nova experiência literária, de modo que possamos não buscar a verdade pelas vozes docentes do ensino de leitura literária, mas discutir as práticas que são aplicadas pelos professores e ressignificá-las, por meio de suas próprias inquietações e autorreflexão.

Portanto, nossa base teórica para uma metodologia de ensino pautada no diálogo também esteve em consonância com a perspectiva bakhtiniana da metodologia narrativa em educação (SERÓDIO & PRADO, 2015), a partir da qual os sujeitos participantes do processo de ensino-aprendizagem são seres expressivos e se constituem como tal em suas experiências concretas de linguagem. Segundo os autores, realizar esse movimento é uma forma de valorizar tanto o gênero narrativo, como os sujeitos participantes ao transformá-los em conhecimento. Sobre isso destacamos:

Quando as narrativas em sua forma de enunciado oral típico da educação básica saem dos muros da escola e passam a ser vistas como enunciados escritos úteis para compor os dados de pesquisa do campo educacional, acontece uma valorização desse gênero e de seus produtores. [...] além de configurarem-se como um modo de produzir o conhecimento (científico-narrativo) (SERÓDIO & PRADO, 2015, p. 91).

Percebemos que transformar a oralidade em um texto escrito, no âmbito da pesquisa, permite-nos oferecer um momento adequado de discutir tensões e êxitos, com a possibilidade de transformá-los significativamente em novas práticas intencionais na sala de aula. Por isso, pretendemos ter como nosso principal objeto de pesquisa as narrativas produzidas em nossa investigação pelos professores do ProfLetras, textos apresentados a vocês, leitores, nesta coletânea.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. Editora WMF Martins Fontes, 6ª ed. São Paulo, 2018.

_____. Por uma metodologia das ciências humanas. In: **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. Editora 34: São Paulo, 2017, p. 57-79.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi, Vozes, 7ª ed. Petrópolis, RJ, 2008.

BECALLI, Fernanda Zanetti; SCHWARTZ, Cleonara Maria. O ensino da leitura no Brasil e seus fundamentos teóricos e metodológicos. **R. Educ. Públ. Cuiabá**, v. 24, n. 55, p. 13-32, jan./abr. 2015.

BRAIT, Beth. **Bakhtin e o Círculo**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. Lições de gramática do professor Mikhail M. Bakhtin. In: Mikhail Bakhtin; **Questões de estilística no ensino da língua**; tradução, posfácio e notas de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo; apresentação de Beth Brait; organização e notas da edição russa de

Serguei Botcharov e Liudmila Gogotichvíli. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2015.

BUBNOVA, Tatiana. O que poderia significar o “Grande tempo?”. **Bakhtiniana**, Revista de Estudos do Discurso, v. 10, nº 2, Ano VII, maio-ago, 2015, p. 5-16.

CÂNDIDO, Antônio. “A literatura e a formação do homem” In: **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2002. P. 77-92.

CASTRO, Maria de Fátima Fonseca Guilherme de. Discursividade dialógico-polifônica na formação de professores. **Bakhtiniana**, v.1, nº 1. São Paulo, 2009. P. 23-41.

CHAVES, Priscila Monteiro; GHIGGI, Gomercindo; OURIQUE, João Luis Pereira. A dimensão política da leitura literária e a possibilidade de experiência estética em Walter Benjamin. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 13, nº 3. Blumenau, 2018. P. 599 – 619.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DEBORD, Guy. Considerações sobre a Sociedade do Espetáculo. In: **A Sociedade do Espetáculo**; tradução de Estela dos Santos Abreu. 13ª reimpressão. Contraponto: Rio de Janeiro, 2013.

DE OLIVEIRA, Maria Bernardete Fernandes. Linguagem e alteridade nos escritos do Círculo de Bakhtin. **Eutomia Revista de Literatura e linguística**, v. 1, nº 21. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018, p. 169-184.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2ª ed, 2ª reimpressão. Contexto: São Paulo, 2018.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. In:_____. A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. cap. 8, p. 81-101.

_____. Bakhtin tudo ou nada diz aos educadores: os educadores podem dizer muito com Bakhtin. In: **Educação, arte e vida em Bakhtin** / Organizadora Maria Tereza Freitas. 1ª ed; 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

GINZBURG, Jaime. Cânone e valor estético em uma teoria autoritária da literatura. **Revista de Letras** v. 44, nº1. Universidade de São Paulo, 2004, p. 97-111.

_____. O ensino de literatura como fantasmagoria. **Revista da ANPOLL**, Brasília, v. 1, n. 33, p. 209-222, 2012. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/637/648>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis**: ensaios. Tradutores vários. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KRAMER, Sonia; SOUZA, Solange Jobim. **História de professores**: Leitura, escrita e pesquisa em educação. V. 10. São Paulo: Editora Ática, 1996.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

PRADO, Guilherme do Val Toletto; Seródio, Liana Arrais; Proença, Heloísa Helena Dias Martins; Rodrigues, Nara Caetano [Orgs.]. **Metodologia narrativa de pesquisa em educação**: uma perspectiva bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

SANTANA, Wilder Kléber Fernandes de; Pablo Vinícius de Brito. Bakhtin e o círculo: entornos dialógico-discursivos sobre ato e alteridade. **Revista Versalete**. Vo. 06, nº 11, jul/dez. Curitiba, 2018, p. 8-25.

SIBÍLIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Contraponto: Rio de Janeiro, 2016.

NARRATIVAS DOCENTES: MEMÓRIAS E LEITURAS

SOBRE “CALANGOS” E CABELOS DESALINHADOS

Amarilis Aguiar de Souza

As memórias literárias que trago no decorrer desses quarenta e quatro anos de vida encontram suas raízes na simplicidade da vida do campo. Embora para muitos, talvez, fosse mais considerável e relevante que eu, enquanto professora de língua portuguesa, contasse sobre uma formação literária que tivesse tido sua origem em leituras de importantes livros ou no contato com uma bela biblioteca domiciliar, atrevo-me a dizer que os primeiros mestres que me ensinaram a amar literatura, sentaram-se poucas vezes nas cadeiras escolares.

Antes do contato com as letras, a arte literária já morava em mim. Iniciara-se com a fala doce e mansa da minha mãe ao contar histórias, com os causos de assombração relatados por amigos e familiares e, principalmente, com as rimas de *calango* do meu pai. Essa última, teve valor inestimável em minha formação, embora tardiamente reconhecido. Eu não era capaz de perceber, durante a infância, que todas aquelas manifestações culturais das quais participava pudessem ter tanta importância e influência sobre minha futura formação estudantil e humana.

A descoberta dos livros repletos de letras e gravuras, com histórias, ora conhecidas, ora totalmente inéditas, foi apresentada na sala de aula, pela professora do pré-escolar e, posteriormente, por tantos outros professores, em medidas que me pareciam sempre insuficientes. Percebi, desde cedo, que aquelas páginas completavam o meu mundo e eram capazes de ressignificar a existência das pessoas.

Os primeiros livros de histórias que li pareciam mágicos. “Joãozinho e Maria” com aquelas imagens lindas, a sequência sempre tão perfeita e o final bem diferente do que minha mãe e irmãs contavam

me deixou desconfiada: qual será o final correto? Quando li, pela primeira vez, a história da Cinderela, percebi sua íntima ligação com a “Gata borralheira”, ouvida tantas vezes antes de dormir. Seriam elas as mesmas pessoas? Tantas justificativas passam por meus pensamentos nesse momento sobre essa mesma história apresentar um nome (ou apelido) tão diferente para a personagem principal. Mas prefiro não me aventurar em contar sobre tais devaneios. E quando li e declamei (porque eu amava declamar) os primeiros poemas escritos por poetas ilustres, sentia sua íntima ligação com aquelas cantigas de calango que não eram de poetas famosos, mas mexiam comigo e me inspiravam a querer sempre mais da poesia.

Em harmonia com as palavras do mestre Paulo Freire que diz que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1992, p. 20), vejo que uma vez mergulhada nestes dois universos: leitura do mundo e leitura da palavra, tornei-me uma eterna dependente da literatura. E tal dependência, paradoxalmente, é a experiência mais libertadora pela qual alguém pode passar. Ler o mundo e as palavras e revê-lo e relê-las, infinitas vezes, observando a possibilidade de mudança, é provar a liberdade de poder sempre transitar pelas nuances do diferente ou, aparentemente, desconhecido.

No decorrer de toda a educação básica, tornou-se cada vez mais notório o quanto a arte da palavra me contagiava. Minha professora de língua portuguesa da quinta a oitava série – hoje, sexto ao nono ano –, continuou e complementou como foi possível aquele prazer pela leitura e pela escrita, já despertado nos anos iniciais. Era notável seu esforço para que as aulas de leitura acontecessem, embora as condições físicas da escola e a precariedade de livros fossem motivos para desistir. Apresentava-nos uma “caixa de livros” tomados emprestados de outros alunos e de seus colegas, professores. Tratavam-se, em sua maioria, de histórias de aventuras da Série Vaga-lume. Aventurei-me pela “Ilha Perdida”, por “Cem Noites Tapuias”, entre outros. Embora possa parecer muito superficial e fútil, foram essas as contribuições que a escola pôde me dar durante a segunda etapa do Ensino Fundamental e eu sou grata ao pouco que pude receber.

Ao ingressar no magistério, a leitura literária não foi mais uma exigência da escola. Em uma época em que não havia facilidade no acesso à informação como temos hoje, pouca motivação para leitura (as aulas de literatura que tive foram somente no primeiro ano e limitavam-se a cópias de biografias de autores) e muito menos condições financeiras para aquisição de livros, contentava-me com as obras de literatura infantil que eram disponibilizadas para a elaboração dos planos de aulas que seriam aplicados no estágio. Mas, apesar das dificuldades, a leitura, mesmo que das obras infantis, continuava sendo minha paixão.

Em 1997, todas as dificuldades e defasagens que com certeza eu carregava e também o desejo de aventurar-me com mais afinco no mundo literário matricularam-se comigo na graduação dos meus sonhos: o curso de Letras. Nessa época, de maneira ainda mais intensa, a leitura mostrou-se deslumbrante. Dona Lauricy Belleti foi a jovem senhora que me apresentou os clássicos da literatura brasileira e portuguesa e, em cada período da graduação, fui experimentado obras, na sequência histórica em que as escolas literárias são estudadas. Mas isso não acontecia de maneira mecânica. A ênfase estava sempre na nossa relação com o texto. Minha professora chegava às aulas com os cabelos bem arrumados e deliciava-se com os textos que líamos e se envolvia... e nos envolvia... de maneira que em alguns momentos nos apropriávamos de alguns personagens, de seus sentimentos e de suas misérias humanas, que são também as nossas. E tudo isso era suficiente para que ela saísse com os cabelos desgrenhados. E desgrenhava também os nossos. Até hoje me pergunto: onde será que ela arrumava os cabelos antes de entrar em outra sala? Aquela mudança na fisionomia a deixava humana como nós.

Vejo, hoje, que essa professora atendia ao apelo de Paulo Franchetti que, muitos anos depois, em seu artigo: “Ensinar literatura para quê?”, nos pede que exerçamos a função de ensinar literatura tendo consciência da grandeza e da complexidade do que precisa ser feito (FRANCHETTI, 2009). Naquelas aulas, não eram apenas os cabelos que se desgrenhavam, era nossa própria condição humana que tomava novos rumos. Os cabelos continuavam os mesmos, mas entendíamos que depois de ler Rosa, Bocage ou Machado eles não precisavam e nem deveriam continuar alinhados.

Enquanto professora de Língua Portuguesa no Ensino Médio eu procurei me aproximar ao máximo desse trabalho que valoriza a nossa relação com o texto literário e reconhece sua importância como uma das principais fontes do nosso vínculo com o passado e de projeções mais assertivas para o futuro (FRANCHETTI, 2009). Com as turmas de Ensino Fundamental, embora eu encontrasse maior dificuldade em estudar cânones literários como Machado de Assis, por exemplo, (principalmente por causa da faixa etária dos alunos, entre doze e treze anos) sempre procurei valorizar ao máximo os textos que eles fossem capazes de compreender e com os quais pudessem interagir. Gosto de dar aos meus alunos a oportunidade de se manifestar a respeito do que leem. E aos que não leem e/ou leem muito pouco ou por obrigação, dou o direito de se manifestar e apresentar seus motivos.

No exercício do direito de dizer a sua palavra (FREIRE, 1992), ouvi deles histórias tão comoventes quanto as dos livros. E, partindo de tais observações, o aluno/texto foi me ensinando e moldando minhas práticas, ao ponto que, no decorrer das experiências trocadas, lá estávamos nós nos completando: enquanto eu aprendia com as lições que eles sempre traziam, eles também adentravam no desejo de ler as obras que eu costumava propor. Desta maneira, fomos amadurecendo, eu e meus alunos, construindo intimidade com a leitura.

E foi bem tarde que aprendi com os meus alunos o quanto meu velho pai havia me ensinado de paixão por arte em seus simples versos de “calango tango”. Foi observando e valorizando a leitura de mundo deles e permitindo-os “o direito de dizer a sua palavra”, que descobri, tardiamente, o valor do meu mundo e do mundo “iletrado” dos meus pais que fora, sem dúvida, o berço doce da literatura em minha vida.

Entre os anos de 2001 e 2006, participei de um grupo de estudos e formação de projetos, desenvolvido em nossa pequena cidade por professores do Coltec- BH, denominado: “Educação, saúde e meio ambiente: para a construção de uma comunidade de aprendizagem”. Foi experimentando o processo ensino/aprendizagem ao lado de colegas cursistas completamente heterogêneos (nosso grupo era formado por professores, alunos, trabalhadores da área da saúde e lavradores), praticando leitura em grupo de obras literárias e realizando atividades culturais que ocupavam a praça da cidade e ofereciam lazer e reflexão

aos demais munícipes, que compreendi melhor e pude experimentar o poder transformador da literatura colocado em prática.

Dentre todas as aprendizagens, uma merece destaque na recordação desse período: uma das oficinas culminou na apresentação de uma obra teatral produzida pelo próprio grupo e apresentada nos espaços públicos de nossa cidade. Na apresentação pudemos desfrutar das palavras do poeta: “A praça! A praça é do povo, como o céu é do condor” (Castro Alves). Aquela mesma praça que desde sempre mostrava e valorizava apenas a cultura de outrem, tornara -se nosso “céu”. E nós, “condores” ainda tímidos, experimentamos o voo daquela apresentação pública de uma obra tão genuína, simples e, ao mesmo tempo, significativa.

Tais experiências foram enriquecedoras e fomentaram, em seguida, muitas manifestações culturais, mesmo que isoladas e sem a oficialização dos órgãos públicos locais. Mas o fato é que tantos anos depois poucos são os “condores” que ainda resistem. Porque não é suficiente que venham pessoas de outros lugares nos mostrar que nós também somos produtores e divulgadores de literatura/conhecimento e ensino/aprendizagem. As manifestações culturais precisam de valorização, visibilidade e divulgação. Elas estão muito além dos muros das escolas, mas precisam ser resgatadas e valorizadas.

Sem alimentar saudosismo, mas certa de que as experiências do passado e todas as leituras que temos, do mundo e dos livros, dialogam entre si e nos projetam para um futuro mais esperançoso, procuro realizar um trabalho cada vez mais comprometido em criar condições para que meus alunos possam usufruir ao máximo do manancial do mundo literário (FRANCHETTI, 2009). Afinal, a literatura tem o poder de nos tirar do lugar-comum. Nas últimas aulas em que tive, recentemente, a oportunidade de ler e me sentir presente em alguns contos de Machado de Assis, tive novamente a deliciosa sensação dos cabelos bastante desalinhados. Tive muitas vontades e algumas delas eu vou tornar concretas. Porque a literatura me inspira, me anima, desperta meu desejo de cantar “calango” e declamar Camões.

Referências

FRANCHETTI, Paulo. Ensinar literatura para quê? **Revista Desenredos**, ano I - número 03. Terezina, Piauí -novembro/dezembro2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 42. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

DO REAL AO IMAGINÁRIO: SOBRE O QUE REVELAM MINHAS MEMÓRIAS DE LEITURAS

Andreia Lima Silva

Início da noite, cheiro de comida vindo da cozinha acompanhado do som do estalar da lenha em brasa, é minha mãe a dona das mãos que conduzem essa tarefa. Estamos, eu e meus irmãos, sentados no chão da sala. Meu pai acaba de chegar do trabalho na roça, banho tomado, liga a televisão, a imagem preta e branca, chuviscando, devido à transmissão ruim, senta-se sem reclamar para acompanhar a programação. No intervalo entre uma novela e outra, meu pai nos pede para buscarmos as letras. Ele se refere a um antigo molde de alfabeto em lata que guardava para esses momentos. Foi ali, naquele cenário simples do meu cotidiano infantil, que se construiu a memória afetiva mais significativa de minha infância: meu pai protagonizando meus primeiros contatos com as letras.

Naquela época, morávamos numa fazenda no interior do município de Nova Venécia – ES, meu irmão mais velho estava na primeira série e precisava de ajuda para aprender a ler e eu ainda não estudava, mas esperava ansiosa pela noite para aproveitar aquele momento de aprendizado ali, desenhando aquelas letras num papelão velho no chão. As condições de acesso à escola eram as mais precárias. Não havia transporte escolar e a ida para a escola dependia de botes, pois morávamos em uma margem do rio enquanto a escola mais próxima ficava na outra margem. A tarefa de transportar as crianças da fazenda onde morávamos era do meu pai e outros pais que se revezavam para garantir, com segurança, a ida e o retorno das crianças.

O acesso à escola sempre foi marcado pelas dificuldades para mim. Quando já estava em idade escolar, meu pai resolveu nos matricular em

uma escola unidoscente na fazenda vizinha, pois assim não nos submeteria às arriscadas travessias diárias pelo rio Cricaré, que naquela época ainda tinha um volume significativo de água. Porém, para chegar até essa outra escola, teríamos que ir de bicicleta e como ainda era muito pequena para a tarefa, meu irmão me levava na garupa. Essa estratégia não funcionou por muito tempo, pois tornei-me um fardo muito pesado para meu irmão, uma criança de apenas nove anos, por isso meu pai me tirou da escola. Meu irmão continuou, porque sozinho conseguia suportar as viagens. Parei de estudar, mas o contato com as letras no chão da sala continuou.

Meu pai sempre me passou interesse pela leitura, fosse com as aulas no chão da sala, fosse com o costume de ler sempre que ele tinha tempo, isso acontecia muito nos finais de semana. Cena viva em minha memória: meu pai sentado em alguma sombra no quintal lendo seus livros de histórias de faroeste. Ficava encantada com a ideia de um dia poder ler também. Parafraseando Marisa Lajolo, o livro, momentaneamente, te tira do real para te devolver de forma fecunda e iluminada a ele. Penso que era assim que meu pai retornava de suas leituras, iluminado e transbordado de fecunda vontade, nos apresentava, em sua simplicidade, o mundo das letras, pois sabia da importância de estarmos inseridos no mundo da leitura.

Embora eu tenha demorado a ter acesso à leitura, o gosto por ela já havia sido estimulado. E talvez as lembranças das dificuldades responsáveis por essa demora tenham sido combustível para que, ao longo da minha trajetória leitora, nunca tenha me conformado com as razões que as criaram. Ir para a escola, aprender a ler deveria ter tido como uma das consequências o acesso à leitura literária, mas não foi. Em um país onde o acesso à escola não é garantia de acesso democrático à leitura, em especial à leitura literária, produz-se indivíduos que analisam palavras, mas que pouco as leem em contextos significativos. As escolas não conseguiram, dadas as precárias condições, ofertar-me o mundo da leitura e por isso, igualmente a muitas crianças pelo país, não tive acesso à literatura infantil e juvenil, já que minha “escolinha de interior” estava longe de ser um espaço com condições de oferecer esse tipo de leitura, o mesmo acontecia com minha família que também não dispunha de condições financeiras para nos comprar

livros de “estórias” infantis. As histórias que rondam as memórias de minha infância, ouvíamos da boca dos mais velhos, que aliás as contavam nos momentos de maior cultivo dos laços familiares que existia e que já caíram no esquecimento da maioria dos lares por este país.

Sobre isso, me remeto a Walter Benjamin, quando apresenta a importância de se narrar as experiências. Tenho que concordar com o referido autor quando ele expõe as razões desse emudecimento. Os dias foram sendo inundados pelas formas da modernidade também para nós, que no correr ligeiro dos dias nos entregamos ao novo estilo de vida, distanciando-nos cada vez mais dos momentos dedicados a ouvir e contar histórias e empobrecendo, de certa forma, nossos dias. Aquela forma mais natural e artesanal de através das narrativas das próprias experiências dos mais velhos ou dos causos inventados típicos da região que não deixavam de transmitir experiência, ensinamentos, por serem “causos”, hoje é visitada apenas na memória.

A leitura foi se distanciando da literária assim como se distanciava das narrativas orais da minha infância. O reencontro veio com o curso de Letras. Com ele a necessária procura por sanar uma “culposa” lacuna de leituras. Não foi possível libertar-me dessa culpa durante o curso. O tempo era pouco demais para tantas, o ânimo consumido pelo trabalho e a família. O momento mais fecundo para esse encontro com a literatura foi e tem sido no exercício da profissão. Nutria-me das leituras necessárias, a cada projeto literário que ia desenvolvendo. *Senhora*, de José de Alencar foi uma dessas experiências literárias compartilhadas que garantiu seu lugar especial no rol das lembranças exitosas, não apenas de leitura, mas do contato com esse direito que é a literatura. De lá para cá, outras foram se acomodando nos espaços, por elas conquistados, da memória. A experiência leitora que se fundiu com a profissional não perdeu seu brilho por isso. Olhando, mais atentamente agora, para esse diferencial, arrisco dizer que talvez seja esse um diferencial positivo. A leitura, carregada da responsabilidade de quem ensina, me cobra um aprofundamento maior nas obras e com isso o enriquecimento, ao ser humano que sou, torna-se maior à medida que as leituras me atravessam.

O atravessar dessas leituras se concentraram com maior significação que nunca. O reencontro com os textos de que as precárias

condições enfrentadas, no início da formação leitora não me permitiram o acesso, aconteceu. A Literatura Infantil e Juvenil me encontrou, no mestrado, através dos estudos nas disciplinas. Com toda certeza deixei de ser humanizada de alguma forma ao longo desse processo de restrição literária. Antônio Candido diria para mim que a literatura poderia ter me proporcionado uma forma mais organizada de perceber o mundo e que eu teria deixado de ter contato com um direito tão importante quanto outros e que por isso tenha sofrido então de uma lacuna não das leituras, mas do potencial humanizador dessas leituras e nisso concordaria com ele de imediato, sei bem em quais aspectos essa falta me marca.

O direito à literatura, defendido por Antônio Cândido, pelo caráter humanizador que ela, a literatura, assume, mostra como direitos ou a falta deles impactam a vida humana. Falando em direitos, me vem a experiência com a leitura do conto *Pai contra mãe* de Machado de Assis. Neste conto, lido nas oficinas de leitura da disciplina de Literatura e Ensino no Profletras, o direito à liberdade negado e tematizado pelo autor me impactou pela construção da narrativa. Machado, como “bruxo” que foi, conseguiu me prender e me sensibilizar de forma profunda na trama de personagens, que vivendo em tempos de escravidão, revelou não só as consequências violentas daquele contexto, mas também como o ser humano é complexo ao fazer, através dessa leitura, me colocar no lugar das personagens chegando ao ponto de me questionar se talvez estando no lugar de Candido Neves, também não teria sua atitude, dadas aquelas circunstâncias. Os perfis psicológicos dos personagens de Machado escancaram nossa condição humana de forma explícita. Isso aconteceu também quando li outros contos dele como *O enfermeiro*. Nessa leitura foi inevitável não sair em defesa do personagem Procópio que por mais que desempenhasse muito bem sua tarefa com os cuidados ao coronel, ainda era agredido e humilhado de várias formas e que em uma situação inusitada acaba contribuindo para a morte de seu paciente. Ler Machado de Assis é impactante, pois nos faz questionar muitas crenças e estereótipos, os perfis psicológicos construídos pelo escritor sequestra nossas convicções e nos faz reformulá-las em busca de compreensão.

A leitura literária nos faz experimentar emoções que refletem muito daquilo que somos, acreditamos, defendemos ou repudiamos. Muitas vezes essas emoções incomodam pelo impacto que nos causam. Foi muito difícil não ser impactada pelos contos de Bernardo Kucinski que li. Mesmo com conhecimento sobre os horrores praticados durante o período da ditadura militar no Brasil, a leitura dos contos me atravessou de uma forma que nenhuma leitura de registro histórico havia feito. Um exemplo disso foi o conto *Você vai voltar pra mim*. Não é possível fazer essa leitura e não sentir um incômodo profundo, uma carga pesada sobre a capacidade da crueldade humana, o esvaziamento da justiça e a incapacidade de defesa e a insegurança vivida por personagens que representam tantos outros.

O que me lembro das minhas leituras é aquilo que minha experiência de vida acolheu como significado. Não é uma lista para surpreender pela quantidade, mas o que ficou delas constitui experiências com o texto literário que tiveram um significado especial por promover reflexões importantes e acomodar sentidos sobre muitos aspectos da condição humana que nos encontramos. A leitura em minha vida teve e ainda tem esse papel, o de proporcionar a capacidade de sonhar, causar incômodo, trazer coragem para questionar até minhas próprias convicções, mostrar a beleza daquilo que as angústias diárias já não permitem enxergar com tanta facilidade e principalmente acreditar nesse seu potencial e por isso mesmo não desistir de apresentá-la aos meus alunos.

Referências

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

JANELAS DA MINHA INFÂNCIA

Claudia Rodrigues Muzy Fernandes

Minhas memórias literárias sempre foram marcadas pela escassez de recursos para compra de livros e o lugar de destaque da literatura como alicerce para alcançar novos horizontes. De acordo com Antônio Cândido (1989) a literatura possui o papel humanizador, atua na formação do homem e supre as suas necessidades de ficção e poesia, contribuindo para formação da personalidade humana, proporcionando o conhecimento do mundo em que estamos inseridos.

Além disso, o autor defende o direito à literatura, ao lado de direitos básicos como alimentação, moradia, saúde, e também, os direitos mais amplos como a liberdade individual e o amparo da justiça pública como forma de resistência à opressão. A contribuição do autor sustenta a formação leitora que hoje permeia a minha trajetória, em um Mestrado Profissional em Letras, cuja reflexão tecida ocorre mediante a participação de oficinas de contos de Machado de Assis que refletem as feridas de uma sociedade do século XIX. Todas as contribuições foram de grande valia para análise da atuação docente, em relação a pesquisa, observação, estímulo à leitura e ao desenvolvimento crítico discente.

Para início de conversa, sou neta de professora e o gosto pela leitura começou bem cedo com a influência da minha avó com a contação de histórias e a permanência frequente em sua casa. Foi nesse lugar que tive contato com os primeiros livros, pois entre uma brincadeira e outra fazia questão de adentrar escondida em um quatinho reservado da casa. Era o seu local de sossego, refúgio usado para preparação das aulas. Aprendi a ler nesse espaço, com pouca idade porque as letras aguçavam a minha imaginação. A princípio pequenos livros de contos clássicos, mais tarde leituras um pouco mais sólidas, porém tudo com muita dificuldade porque não existiam livros disponíveis, nem bibliotecas próximas a minha residência. Entre uma

semana e outra minha avó trazia alguma coisa da cidade que rapidamente era devorado por uma garota com uma curiosidade sedenta que fazia a transposição entre a realidade e o imaginário em um piscar de olhos. Outras vezes era necessário apreciar contos, histórias bíblicas e muitos causos relatados pela minha avó, de sua infância, e contados espontaneamente na escada da frente de um casarão antigo, com traços coloniais, janelas grandes e azuis e uma porta imensa que existia na frente da casa, era o nosso lugar favorito de passar horas e horas, apreciando uma boa história.

As lembranças escolares relacionadas a leitura são bem vagas, como nome de textos ou títulos de livros que foram degustados durante essa primeira fase da infância, mas o ingresso no ensino fundamental trouxe uma experiência marcante com a leitura de *Helena*, um clássico de Machado de Assis. A minha idade permeava os onze, doze anos. A escola era grande, urbana e precisei fazer mudanças radicais na minha vida para frequentá-la, como residir na cidade. Tenho recordações da biblioteca escolar totalmente inacessível, os livros guardados a sete chaves e as aulas de leitura no período de Português quando a professora levava para sala de aula uma caixa repleta de livros infantis. Entre tantos momentos, um em específico corroborou para o desejo ardente de garimpar conhecimentos, marcou de maneira inusitada a minha trajetória. Eu não conseguiria hoje classificar como positivo ou negativo, mas as lembranças desse momento são bem vivas na minha memória.

Era o primeiro período de aula do turno noturno, muitos alunos estavam atrasados e a sala bem vazia. A professora pediu ao porteiro que a ajudasse com a caixa, era um costume de toda semana, não eram muitos livros, nem novos, coloridos ou diferentes, era o momento. Não posso negar a existência de uma espécie de deleite com um fundo de esperança de algo novo que irradiava os meus pensamentos toda vez que aquela caixa adentrava a minha sala de aula. A ausência de livros na vida maltrata a alma de qualquer ser humano, leitor, é claro. Um período tão curto de leitura tinha o poder de transformar, acalantar uma mente ociosa e vazia. Eu não recorro muito bem de todos os títulos, todavia, as minhas lembranças são nítidas de ter um desejo atendido, e entre exemplares carimbados, relidos várias vezes,

misteriosamente, entre Um João e Maria, eu encontrei *Helena*, encontrei Machado de Assis.

Peguei rapidamente e dirigi a minha carteira. A experiência com a leitura nesse período foi intensa e movida pela desobediência e curiosidade em conhecer a história, de uma garota, que, considerada uma filha bastarda, é reconhecida e acolhida pela família de seu pai, quando este falece. A ansiedade consumia as minhas entranhas, li as dez primeiras páginas rapidamente, e encontrei uma figura feminina de uma moça educada, elegante, culta, totalmente destituída de poder ou vontade. preparada para uma missão cruel de conquistar a simpatia de uma família que a enxergava como intrusa. Encontrei nessa obra o espelho de uma sociedade machista que enxergava a mulher como mãe, esposa e doméstica dedicada, além de narrar as surpresas e desgraças de um amor proibido. A aula terminou e devolvi o livro com coração bem apertadinho como se não precisasse devolvê-lo. Arrumei todos outros exemplares e o coloquei bem escondido no fundo da caixa por precaução. Ninguém poderia pegá-lo, eu precisava terminar a leitura.

Na outra semana estava eu novamente pronta para saber a respeito de Helena e Estácio. Achei um pouco estranho a forma pela qual a personagem sofria e protegia a irmã, era às vezes desnecessário, mas quem seria eu para julgar um amor fraternal. Por outro lado, era preciso conquistar aquela família e Helena se mostrava dedicada, carinhosa. Foi justamente em meio a pensamentos críticos que ouvi uma voz rude, pouco elegante e assustada da minha professora que aos gritos perguntava a origem daquele bendito livro. Depois de tanto estardalhaço explicou-me que não era apropriado para uma criança ler Machado de Assis. Meu coração doeu. Eu não era criança, tinha até muito mais maturidade que vários moleques mais velhos da sala. Eu não entendia o tamanho de tanta crueldade. O que poderia existir de tão sério em um livro cuja função é libertadora, pelo menos era o que minha avó dizia. Cabisbaixa, um pouco envergonhada coloquei o livro na caixa e peguei o maldito *Pinóquio*. Era triste ler *Pinóquio*. Eu não entendia o motivo daquela chamada e ao mesmo tempo precisava ler o restante da história. Agora mais do que nunca.

Não tive tempo de pensar muito e uma ideia salvadora tomou conta dos meus pensamentos, e como se não tivesse acontecido nada,

sem levar em conta o rosto vermelho vexatório, distraidamente coloquei o maldito *Pinóquio* na caixa e astutamente como uma garota malcriada peguei *Helena* junto com mais duas outras obras e retornei a carteira. Sentei-me, abri algumas páginas, e sorratamente como se rouba um diamante, coloquei o livro com cuidado na mochila. Era pecado roubar, mas era preciso.

No decorrer da aula fiquei ansiosa e aliviada ao mesmo tempo, com um enorme tesouro escondido na bolsa. A aula terminou com o mesmo ritual sagrado de todas as semanas, mas com uma observação carinhosa da professora dirigida a mim, que no momento certo eu teria oportunidade de ler tal obra, pois era um caso de amor complicado. Ela prometeu que tentaria localizar um outro exemplar do mesmo autor para compensar o meu rostinho triste, mas seria complicado porque ele expunha muito as feridas da sociedade. Não houve da minha parte qualquer vestígio de arrependimento.

Em casa corri para o quarto e aproveitei cada segundo de leitura e sem acreditar as linhas foram me conduzindo ao ponto crucial da obra, o incesto. Era o incesto a ferida tão mencionada pela professora, um amor impossível de dois irmãos, ou seria as feridas de uma sociedade refletidas a olho nu para quem quisesse enxergar. Afinal, Machado é Machado.

Hoje teço as minhas reflexões sobre esse episódio com grande maturidade. Enxergo os desafios da prática docente e a ausência de motivação em relação à leitura. O foco dessa análise não se limita ao papel do professor em sala de aula, mas no contexto gerador da falta de incentivo político em investimentos que possam promover o desenvolvimento humanizador do homem. Muitas bibliotecas continuam inacessíveis para milhares de estudantes, a escassez de recursos para compra de livros e a exaustão docente em um sistema que não permite o direito a literatura, uma vez que, sabe do potencial que ela representa em relação ao desenvolvimento humano.

Enfim, toda essa experiência relatada serve para confirmar segundo Candido (2011) quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária que ordena a nossa mente e sentimentos. Somos capazes a partir disso de organizar a visão que temos do mundo. São lembranças que me conduzem a lutar diariamente para que todos

os adolescentes tenham o direito a literatura e sejam perspicazes ao reconhecer o show de espetáculos de uma nova sociedade com mesmo espelho crítico das lentes de Machado de Assis.

Referências

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Helena**. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) **Direitos humanos E... Cjp** / Ed. Brasiliense, 1989.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

MINHAS MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Eliana Claudino de Jesus Souto

Aos 02 de setembro de 2022 ao participar da aula acalorada sobre os contos machadianos, ministrada pela mestrandia Marcela Cora, mediante aos vários diálogos, em minha mente me veio à memória dos tempos do antigo Segundo Grau quando tive o primeiro contato com a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Nesse instante meus pensamentos me forçaram a alternar minha atenção entre o assunto da oficina e o que tinha idealizado a respeito de Machado de Assis. Sempre fui intrigada com o desempenho desse autor, à época da leitura sem compromisso com o estudo dos cânones, e conseqüentemente sem a preocupação de entender sobre o autor e mais apegada a obra. Enquanto o lia os pensamentos fervilhavam em prol de dar conta de como era possível tamanha destreza. Essa percepção só me foi possível a partir do contato com a história da arte ao cursar a primeira graduação tempos depois.

Estimulada a memoriar sobre leituras me vem à certeza de que nossa existência é marcada para além dos feitos e títulos que podemos acumular, pois esses são possíveis a partir da soma de todo o conhecimento que somos capazes de adquirir ao longo da vida. O exercício de pensar nas leituras anteriores que me trouxeram até aqui me permite concluir que todo o processo contribui para nossa formação. O pensar nas sensações adquiridas ao longo da vida nos faz refletir sobre as influências que essas lembranças proporcionaram, como exemplo: exercitar a criticidade, o zelo em ponderar sobre o contexto histórico das obras lidas e assim poder comparar com o momento atual. Essas lembranças em sua maioria são associadas ao tempo escolar, mas não significa que os períodos fora da escola foram de apagão. Sobre essa perspectiva a autora Gagnebin (2006), comenta

que Adorno diz que “lembrar o passado [...] é instrumento de análises para melhor esclarecer o presente”.

Dessa forma, concordo com Carvalho e Mello (2020) ao afirmarem que “a leitura ultrapassa o carácter da ludicidade e dá, portanto, a oportunidade de conhecer o mundo através de outros olhos”. Quando eu era criança as histórias dos clássicos contadas principalmente pelos professores me encantavam; sempre ficava paralisada nas aulas de contação de história, minha mente idealizava as cenas, as vestimentas dos personagens, como essa história contada se transformasse em um filme ou uma peça de teatro. Imaginar o cenário de como poderia ser o lugar onde os personagens de *O auto da Compadecida* ganharam vida. O pensar no cuidado da escolha do autor para tratar diversas polêmicas, essa façanha me encanta, oxalá tivera eu um pouquinho dessa competência.

Veza e outra ao ouvir os gritos dos vendedores ambulantes que passam na rua vendendo vassouras automaticamente me reportam para a experiência de leitura em *Memorial de Aires*, impossível não se lembrar de como autor retrata o retorno do personagem da Europa ao falar no vendedor de vassouras e espanadores. Pensando em cenário europeu *Macbeth* é outro tema que é difícil de desvencilhar a trama que aparentemente se deu distante no tempo e socialmente, no entanto esses arranjos e conspirações contidos na obra nos cercam a todo instante via os noticiários cotidianos. Dessa forma, relacionamos o que afirmam Carvalho e Mello (2020) sobre Bakhtin (2011),concernente à polifonia, esse teórico afirma que “os personagens apresentam-se em constante evolução, participam ativamente da pluralidade discursiva no texto”.

E como não relacionar o protagonista da obra *Quincas Borba* o (Rubião) com ambiguidade de aceitação do merecimento em receber a herança de Procópio à lembrança do temperamental coronel?

Sou de uma época em que os mais velhos gastavam tempo contando histórias para grupos de crianças que se sentavam ao redor e fitas nos seus diversos contos que sinceramente não sabemos se seus casos são verídicos ou assimilados de outros e assim nos repassados. Verdade é que essas vivências nos marcam sobre maneira e observar as crianças da atualidade me preocupa o quanto a falta

desse diálogos poderão lhes causar danos. A perceptível falta de conversação e a troca de vivência intergeracional causará danos irreparáveis aos mais novos, uma vez que, os jovens não terão recontos de histórias por parte de seus avós. Segundo Gagnebin, a ausência desse convívio nos força a “inventar estratégias de conservação e mecanismos de lembrança.” Os humanos se desvincularam da “tradição de memória viva, oral, comunitária e coletiva”. Em Carvalho e Mello (2019), sobre análise de Walter Benjamin, as autoras comentam sobre a possibilidade em “transmitir conhecimento através das histórias contadas”. Bons tempos aqueles!

Lembro-me bem do meu primeiro dia de aula, uma felicidade que mal cabia dentro de mim. Afinal, ir à escola simbolizava a oportunidade de aprender ler e escrever. Era meu sonho! Saí às ruas a caminho da escola com minha mãe e a todos que encontrava, anunciava a “novidade”: - vou para escola. Na escola, me recordo de que os momentos de contação de história estavam sempre a cargo dos professores e as leituras indicadas sobre orientação da disciplina de Língua Portuguesa (doravante LP).

Hoje como docente em LP é gratificante proporcionar aos alunos essas oportunidades de contato com a leitura. É tamanha a satisfação quando o aluno compartilha o saber que adquiriu em suas experiências de leituras. A altivez me atinge quando um aluno se sente plenamente à vontade para me oferecer um título que gostou e supor que eu também gostarei de vivenciar a história contida no livro. Lembro-me com muito carinho quando uma aluna me emprestou o livro *Um amor para recordar* e me disse que eu iria amar a narrativa e realmente apreciei a história, chorei ao lê-lo e ainda me recordo desse fato com orgulho.

Identifico-me com a abordagem de Rildo Cosson (2009) sobre a prática no trabalho com o gênero literário. Em minha opinião é imprescindível para a formação do leitor os momentos de leitura autônoma, o compartilhamento da experiência do texto lido com o professor e colegas.

Referências

- ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- ASSIS, Machado de. **Memorial de Aires**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1985.
- CARVALHO, Letícia Queiroz de; MELLO, Lohayne Gomes de. Narrar para não esquecer: a literatura de testemunho sob a ótica polifônica na escola básica. **Revista Diálogos** (RevDia), v. 8 n. 3, 2020.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. Editora Contexto- 2ª ed. São Paulo: 2009.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. O que significa elaborar o passado? In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006, p. 97-105.
- SHAKESPEARE, William. **Macbeth**. Trad. de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM Editores, 2006.
- SPARKS, Nicholas. **Um amor para recordar**. Trad. De Ivar Panazzolo Junior. 1ªED. Editora Arqueiro:(2011).

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Fabiana Marins Coimbra de Almeida

Os períodos em que a vovó ia nos visitar eram repletos de expectativas, pela delícia de tê-la conosco; mas, para mim, de maneira particular, pelos mimos que vinham junto à sua estada. Assim que beijos, abraços e pulos no sofá de casa eram devidamente feitos, partíamos para as saídas pelas ruas da Cidade Imperial, Petrópolis, no Rio de Janeiro. Minhas primeiras paradas, com o aval da vovó, eram sempre em bancas de jornal. Lá, começavam meus argumentos para ganhar mais gibis do que os inicialmente propostos. Geralmente, eu ganhava dois, mas, por devorá-los rapidamente, usava a persuasão de neta primogênita para ganhar outros. Vovó sempre me convencia a ler, metonimicamente falando, Mauricio de Sousa. Para ela, as aventuras de Chico Bento eram as mais interessantes. Talvez, isso se deva à sua criação na roça, em Divino de Carangola, interior de Minas Gerais, com seus 19 irmãos.

Contudo, para mim, a enérgica Mônica representava as melhores histórias; as características da personagem, com toda sua vitalidade, representavam muito da minha personalidade e forma de lidar com o mundo. Com meus oito anos de idade, a presença de espírito de quem já sabia o que queria da vida era forte, persistente, vital. Apesar da aparência franzina, meus primeiros anos de vida já haviam sido suficientes para formar – e mostrar – uma menina que sabia o que queria e que lutava por seus ideais.

As muitas mudanças de Petrópolis para Vitória, e de Vitória para Petrópolis, até os meus dez anos, trouxeram trocas de escolas que prejudicaram, de certa maneira, minha formação enquanto leitora. Havia ausência de referência nos mais variados sentidos: professores, escolas, amigos, família. Tudo era passível de inúmeras possibilidades que me deixavam insegura e sem raízes. Nesse aspecto, minha coleção de gibis

e meu diário – ao qual posso chamar de amigo – salvavam-me constantemente. Decerto, a leitura tornou-se o meu lugar seguro, o momento de fuga da realidade, de completude, de conforto. Como bem disse Paulo Franchetti, “O processo da leitura promove um deslocamento da perspectiva, um entregar-se a tudo que se move no texto, que é o que faz da literatura uma arte (...)” (2009, p.2).

Não há, em minha memória, qualquer experiência nova com a leitura, até os meus 11 anos de idade, com exceção da coleção – cada vez maior – de gibis, dos livretos de literatura infantil lidos na escola – com as clássicas fábulas e histórias de princesas – e dos materiais da catequese. Nessa idade, meus pais, enfim, compraram uma casa, o que gerou uma mudança de bairro e de escola extremamente importante para a minha formação enquanto estudante e, conseqüentemente, leitora.

Passei a estudar na escola – à época estadual – “Ministro Petrônio Portella”, onde cursei da antiga 5ª série até a 8ª série do Ensino Fundamental. A escola não possuía biblioteca, mas, ao me apropriar do espaço escolar enquanto aluna, encontrei uma sala na qual continham livros e mais livros empilhados. A descoberta foi “sem querer querendo”, como diria Chaves, meu personagem televisivo favorito da infância.

Assim se deu o maravilhoso momento: a sala, sempre trancada, encontrava-se, milagrosamente, aberta; alguns funcionários da escola, parados na porta da sala e, assim, impedindo a passagem para adentrá-la, entregavam aos alunos os livros didáticos do ano letivo. De passagem, olhei para o cômodo e me espantei com a quantidade de livros distribuídos em estantes antigas e pelo chão. Isso encheu os meus olhos e me despertou para incríveis possibilidades.

Apesar da curiosidade, demorei uns dias até questionar a um dos professores se eu poderia conhecer o espaço e, quem sabe, usufruir dos materiais que lá havia. Diante da resposta positiva, eu e mais duas amigas fomos levadas até lá, onde pudemos não somente conhecer os materiais, como levá-los para casa. Eu e o livro... “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.”, assim (me)descreveu Clarice Lispector em seu conto *Felicidade Clandestina*.

Os quatro anos como estudante dessa escola foram um marco para minha formação leitora. Acredito ter lido todos os livros de

Literatura que estavam no referido cômodo, antes fechado. Nesse período, conheci Pedro Bandeira, Adelaide Carraro, Ruth Rocha, Clarice Lispector, José de Alencar e o mais surpreendente de todos: Machado de Assis, com *Helena*.

Certamente, os livros da escola eram limitados para mim. Assim, uma professora de Língua Portuguesa, que morava na rua da escola, passou a me emprestar as obras que tinha em casa. Ao término das aulas, eu corria para a frente do portão da Edjane Mara, minha professora, e ela entregava o “livro da semana” pelas grades. As aspas foram propositais, pois, como era de se esperar, o livro era lido – ou melhor, devorado – em dois dias e não em sete.

Foi nessa dinâmica de empréstimos que chegou em minhas mãos a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do grande escritor realista brasileiro, Joaquim Maria Machado de Assis. Como assim dedicar um livro ao primeiro verme que roeu as frias carnes de um cadáver? Aquilo me espantou, me envolveu, me encantou, me despertou. Nunca o choque do Realismo havia me surpreendido dessa forma. Passei a querer conhecer mais desse escritor que não me parecia ter pudores para falar da realidade crua de coisas tão comuns e, ao mesmo tempo, consideradas tabus ou assuntos não literários.

Segui minha experiência com Machado ao ler alguns contos que, se não me falha a memória, também vieram com o intermédio da querida professora do Ensino Fundamental. Nesse despertar, Edjane, concludente à época do curso de Letras na Universidade Federal do Espírito Santo, decidiu levar-me à UFES para uma reunião que ela teria com a professora orientadora do seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso. Essa foi a oportunidade que ela encontrou de me apresentar a biblioteca da UFES, *campus* Goiabeiras. Por nunca ter vivido a experiência de ingressar na Universidade, minha experiência foi incrível. Nesse dia, decidi que eu gostaria de ali estudar, cursando o mesmo curso: Letras-Português.

Contudo, apesar do meu encantamento e novos objetivos acadêmicos e profissionais, os livros acessíveis haviam acabado. Na escola, na casa da minha professora, e até alguns poucos encontrados no armário da casa dos meus pais. Eu lia tudo. Todos os gêneros, todos os autores, todas as nacionalidades. Precisei encontrar pontes que me

ligassem aos livros novamente. Foi assim que descobri as bibliotecas públicas no município de Serra.

Inicialmente, no bairro Laranjeiras, uma tia-avó que ali morava me disse que, no Centro Comunitário, em frente à sua casa, havia uma biblioteca pública. Não me demorei em descobrir como desfrutar do espaço. A princípio, por não ser moradora do bairro, eu não levava os livros para casa; então, escolhia alguma obra e me deitava no chão para ler. Eu passava horas nessa dinâmica, sem me importar com mais nada. Devido à assiduidade das minhas idas, a funcionária da biblioteca passou a liberar empréstimos para mim.

Li toda a coleção de *O Estudante*, de Adelaide Carraro; os contos de Machado de Assis; os livros da coleção Vaga-Lume; os cânones da Literatura Brasileira, como Guimarães Rosa, com *Grande Sertão: Veredas*, e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Refleti sobre as pedras no caminho de Carlos Drummond de Andrade e me delicieei com as crônicas de Luís Fernando Veríssimo. Esses são alguns exemplos de como eu passava as tardes aos meus 14 anos. Aprendi que existem livros que são clássicos, entendendo que “(...) clássico não é um livro que possua necessariamente tais ou quais méritos, é um livro que as gerações dos homens, urgidas por diversas razões, leem com prévio fervor e uma misteriosa lealdade (BORGES, 1986, p.205).

Com a mudança de escola para cursar o Ensino Médio, minha formação leitora ampliou, visto que, na Escola Estadual “Aristóbulo Barbosa Leão”, havia biblioteca, permitindo-me livre acesso aos livros. Também passei a frequentar outra biblioteca pública municipal, em um bairro vizinho à escola, o que me permitiu conhecer mais livros. Foi nesse período que meu coração sangrou com a história de Zezé, em *Meu pé de laranja lima*, do autor José Mauro de Vasconcelos. Certamente, foi a primeira vez que uma leitura me atravessou de forma tão profunda e pessoal. Fato é que todos ao meu redor foram influenciados para a leitura desse livro. Amigos da escola, familiares e vizinhos: todos me ouviam falar sobre a história de Zezé, Minguinho – ou Xururuca – e o tão amado Portuga. Foi o primeiro livro que minha irmã, dois anos mais nova que eu, leu, em uma única tarde.

A conclusão do Ensino Médio foi, para mim, um período de amadurecimento literário. Eu cursava o 3º ano integrado ao pré-

vestibular, a fim de realizar meu sonho de ingressar na UFES, e me dedicava ao material de Língua Portuguesa selecionado para o processo seletivo, quando li *A hora da estrela* de Clarice Lispector. Detestei Macabéa e me afastei emocionalmente de Clarice. Não gostei do que li, não entendia a profundidade da obra e de seus significados. Com a aprovação no curso de Letras, estreitou-se o meu contato com a leitura literária novamente e com a análise de textos teóricos acerca da Literatura, proporcionando outros olhares e reflexões. Assim, em uma das disciplinas, tive um reencontro com a obra de Lispector, mencionada acima. Foi quando me apaixonei profundamente pela escrita da autora, pela personagem nordestina e pela dimensão do universo literário. A graduação me proporcionou um grande crescimento. Tornei-me uma leitora mais madura.

Com mais bagagem literária e mais maturidade, ingressei no mercado de trabalho, ansiando transformar minhas aulas de Língua Portuguesa em um grande palco para que a leitura pudesse brilhar. Como diz a canção de Melim: “Sei que nem tudo são flores”. E não foram mesmo, como ainda não são. Contudo, desde 2013, como professora de Língua Portuguesa das redes municipais de Serra e de Vitória, no Espírito Santo, o estímulo à leitura sempre foi presente em minhas práticas, independente das condições encontradas. Sempre acreditei e continuo acreditando no poder que a leitura tem e proporciona para quem dela se apropria, e isso é um valor que levarei para sempre.

Atualmente, percebo o quanto fiz escolhas importantes que me trouxeram até aqui. Ao ingressar no Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, meu olhar amadureceu, meu conhecimento se expandiu e me sinto realizada na minha trajetória literária. As oficinas desenvolvidas na disciplina Literatura e Ensino, ministradas no 2º semestre de 2022, trouxeram-me um saudosismo da época em que ler por prazer fazia parte dos meus dias, estimulando-me, então, a retomar certas práticas pessoais. Analisar os contos de Machado de Assis, nas aulas propostas, com uma ótica mais amadurecida e compartilhando com colegas de turma os conhecimentos, foi uma experiência enriquecedora. Acredito que isso proporcionou uma autorreflexão que repercutiu positivamente em minhas aulas enquanto professora, uma

vez que o desejo de permitir tal vivência aos meus alunos foi ainda mais despertado.

Ao escrever essa memória literária, sinto-me profundamente grata ao Universo pelos encontros certos, pelas oportunidades únicas, pelas possibilidades ofertadas, pela trajetória vivida. Há tanto para ler. Espero que, ao escrever uma memória literária daqui a 20 anos, a Fabiana do futuro continue se sentindo feliz, plena e grata pelas experiências literárias vividas.

Referências

ANDRUETTO, Maria Teresa. Algumas questões em torno do cânone. In: _____. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2015.

BORGES, Jorge Luis. Sobre os clássicos. In: _____. **Nova antologia pessoal**. São Paulo: Difel, 1986.

Música Amores e Flores, do cantor Melim. Disponível em <https://music.youtube.com/tasteprofile>. Acesso em 12/10/2022.

Mauricio de Sousa é um cartunista brasileiro, criador das histórias de gibi da Turma da Mônica. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mauricio_de_Sousa. Acesso em 12/10/2022.

FRANCHETTI, Paulo. Ensinar literatura para quê? **Revista Desenredos**, Ano I - número 03 - Teresina - Piauí – novembro/dezembro 2009, p. 2.

Personagem de um seriado televisivo mexicano, cujo programa homônimo foi criado, roteirizado, dirigido e estrelado por Roberto Gómez Bolaños. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/El_Chavo_del_Ocho. Acesso em 12/10/2022.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Disponível em <https://contobrasileiro.com.br/felicidade-clandestina-conto-de-clarice-lispector/>. Acesso em 12/10/2022

MEMÓRIAS? PARA QUE AS QUERO?

Isla Regina Silveira de Resende

Minhas vivências e memórias literárias vêm ainda de muito cedo, quando recebia de minha professora do primário (como era então chamado), livros de histórias infantis, que muito me afeiçoavam. Muitos deles eram clássicos infantis, que em meu imaginário, tomavam contornos e dimensões, que até pareciam reais.

Avançando um pouco no tempo, acometem-me outras recordações, dessa vez, não muito empolgantes ou incentivadoras em relação à leitura, pois aqui, era-me trazida de maneira impositiva, ora com algum interesse relacionado ao ensino de regras gramaticais, ora, tão somente objetivando o ensino de movimentos literários, ou para apontar ao estilo dos autores de tal época; na maioria das vezes, trazia uma linguagem preciosista ou demasiado refinada, para que eu, ainda menina, pudesse compreender. A leitura era uma exigência, quase um martírio para mim, sendo uma obrigação difícil de cumprir.

Nesse aspecto, acato o pensamento de Bakhtin (2004;2007), quando assevera que a leitura concebida como uma ação interativa, levanta questões importantes acerca do caráter dialógico da linguagem, que envolvem experiências sócio-históricas e culturais. Assim entendida, a leitura precisa provocar um diálogo com o leitor, precisa, de algum modo, tocá-lo e configurar um ato de conhecimento para quem está à frente do texto.

Eu carecia, com a urgência de um roubo adolescente, estar minimamente afinada com a literatura; e isso, tinha, sim, caráter de urgência durante aquele episódio da minha vida, ou então, eu estaria condenada a viver acreditando tão somente no que os outros me dissessem.

Por sorte, talvez um bom presságio, uma professora: desses anjos que, por vezes nos atravessam a vida, encantou-me com suas aulas, e eu

me sentia como o Rei Shariar, esperando por “Sherazade”, ansiosa pela próxima aula de Língua Portuguesa; era um reencontro com o prazer de sentir a leitura irrompendo minhas artérias e trazendo-me vida.

Foi, então, que optei pelo curso de Letras/ Português; e ao tempo em que cursava a graduação, clássicos da literatura portuguesa e demais textos, ganharam para mim uma nova ótica, agora, muito mais apreciável que em um determinado íterim do ensino básico. Naquela ocasião, a literatura passara a ter uma função completamente distinta da que tivera outrora. Já não era mais “o lirismo comedido, bem comportado, funcionário público, com livro ponto, expediente, protocolo e manifestações de apreço ao Sr. Diretor” (usando palavras de Manuel Bandeira), passara a ser libertador, ganhara a deliciosa fragrância da libertação.

Enquanto leitora, não posso me furtar a expor também sobre as influências literárias em minha vida docente; pois se almejamos formar alunos leitores críticos e conscientes de sua cidadania, temos o dever, senão a missão, de provocar no outro o hábito de ler; dar subsídios para uma leitura que, de fato, seja incisiva, que deixe marcas, que sejam pujantes a ponto de acender o êxtase, o inconformismo, a euforia, que desvende ainda o encantamento, o romantismo, os sonhos; e para além disso, seja um grito ensurdecedor, que possa nos deixar indignados ou inconformados com questões históricas, políticas ou sociais; que podem até ser posta de maneira fictícia, nas fábulas, contos poemas ou romances, por exemplo; mas trazem em seu âmago, a consciência de classes, de raças, o preconceito de toda ordem...que trazem a história contada pelo vencedor, e não pelo vencido, que revela as injustiças sociais, os tipos humanos (o avaro, o benevolente, o desonesto, o miserável, o adúltero, o louco e tantos outros) e suas psicopatias, para suscitar aspectos que, por vezes, não paramos para analisar ou observar em situações cotidianas.

Antônio Cândido (2003), em seu texto “Direitos humanos e literatura”, alega que a literatura é, ou deveria ser um direito humano, pois a fabulação influencia no caráter e na formação dos sujeitos. Entende-se, pois, que a alimentação, a moradia, a segurança e a saúde, sejam direitos constitucionalmente estabelecidos. Então, por que a arte e a literatura também não o são?

Afinal, a arte tem o grande poder de humanizar e de mostrar quem somos – para muito além de nossas aparências, ou daquilo que gostaríamos de ser. A literatura reflete a cultura, a história e a sociedade em que vivemos. Traz à tona discussões importantes, como a luta de classes, os preconceitos silenciosos os diferentes pensares e tipos humanos – ela nos abre caminho para conhecermos quem de fato somos, qual é a nossa história e suscitar o questionamento:

- Para onde vamos?!...

Algo, que para mim, é muito tocante a maravilhoso na literatura é o seu caráter atemporal; e nesse aspecto, especialmente, os contos machadianos, revelam excelência. Nos contos “O espelho” e “Teoria do medalhão”, por exemplo, os textos ganham vida e atualidade, ao retratarem a realidade superficial em que se vive hoje, “a sociedade do espetáculo”, na qual, a aparência é mais valorosa que a essência humana. Quando analisamos o que tais textos nos trazem, nos reportamos ao fenômeno do “grande tempo na literatura”, ou seja, os textos literários não devem ser observados apenas no contexto em que foram escritos, mas no seu caráter atemporal; pois literatura é arte, e como tal, é fluida, transcende ao tempo, é capaz de sempre atual, mesmo tendo sido produzida há séculos, e aí está a grande mágica que nela reside.

Na cidadezinha onde eu vivia, quando criança e adolescente, as pequenas bibliotecas que havia, eram distantes, os contadores de histórias, entretanto; ah, esses estavam em toda parte... e, como não dizer que eles contribuíram para a formação do meu universo imaginário? Reuniam-se vizinhos e amigos, e ali se contavam muitos causos, histórias de assombração; talvez, algumas da vida como ela é... e assim foi se tecendo em mim um grande desejo de descobrir outras histórias; as da realidade e também as da ficção; e mais tarde, eu percebia como uma completava ou retratava a outra.

Você já deve percebido que não faço aqui um delineado cronológico de minhas experiências literárias; faço recortes fortuitos que vão compondo a teia da minha vida; vida que seguia pacata, onde não havia grandes perspectivas; era bem simples. A família tinha uma lavoura de café e algumas rezas, o que era o suficiente para nos manter; sem luxo ou vaidades, é verdade; mas cercados de muitas

outras coisas, para as quais dávamos muito mais valor, como ter um rio à beira de casa, escalar pedras para apreciar a paisagem do alto, subir em árvores, ter com o pescador, que contava suas histórias, ir à casa da professora ler os livros que ela me emprestava, mas que eu só podia ler enquanto estava em sua casa, pois eles faziam parte de sua coleção e tinham um grande valor afetivo para ela.

E os anos se passaram, e quando me dei conta, já era uma mulher adulta. Percebi que o mundo não era tão maravilhoso quando parecera um dia. E inconformada com o mundo, lutava como um grão de areia luta com uma pirâmide do Egito. E adiantaria isso? – Não tinha resposta para a pergunta de natureza tão imprevisível. Tinha humor, não o dos “clowns” de anedotas desgastadas e patéticas, preferia o humor sarcástico e engajado. Não tinha bens materiais ou amigos influentes. Sabia que estava de passagem por ali, e mesmo assim, havia uma causa pela qual eu achava importante lutar: ela se chamava educação. Foi então que escolhi a minha profissão.

Todas as experiências de vida e literárias contadas até aqui, desde a tenra idade, até as mais recentes, inquestionavelmente, contribuem para a minha formação pessoal, acadêmica e docente. Afinal, acredito que, sejam elas responsáveis, em grande parte, pela pessoa que me tornei, e talvez, nesse sentido, eu seja, sim, o resultado de todas as minhas leituras.

Sei que ainda existe um longo caminho a ser percorrido, afinal, a realidade vivida no chão das salas de aula de escolas públicas, está bem distante da educação que idealizamos e queremos para este país.

Muitas vezes, o que temos são bibliotecas sucateadas, com acervos precários e defasados, ausência de profissionais, de espaços físicos e equipamentos adequados. Falta incentivo para a formação de professores, os salários são baixos. Há necessidade de se fazer uma carga horária excessiva... enfim, apesar de toda a falta de suporte, e mesmo com todas as adversidades, seguimos trabalhando por essa causa que nos inquieta e ao mesmo tempo nos impulsiona, que nos faz acreditar na superação e na formação de cidadãos emancipados e conscientes, pois acho que o professor “é antes de tudo, um forte”.

E, por fim, tomo emprestadas palavras de Clarice Lispector, que resume com excelência a missão que me foi dada: “Liberdade é pouco, o que eu desejo, ainda não tem nome.

E assim, eu sigo...

Referências

ASSIS, Machado de. **Papéis Avulsos**. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. [1929-1930] Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BANDEIRA, Manuel. **A cinza das horas, Carnaval e O ritmo dissoluto**. Rio de Janeiro, NovaFronteira, 1994.

_____. **Itinerário de Pasárgada**. 8.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

_____. **Libertinagem & Estrela da Manhã**. 16.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

_____. **Estrela da vida inteira — poesias reunidas**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 4. ed. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2004. CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

JAROUICHE, Mamede Mustafa. **Livro das Mil e uma noites**. Trad. Mamede Mustafajarouche. São Paulo, Globo, 2012,) vol. 4;.

LISPECTOR, Clarisse. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1992.

RESISTIR E PERSISTIR: AS DIFICULDADES PARA ME FORMAR LEITORA DE LITERATURA

Joyce Stephany Fonseca Moreira

Era a década de 90, Dona Elina, em seus longevos 40 anos, dá a luz a sua caçula de quatro filhos. Uma mulher com uma vida sofrida, traumatizada com a escola que frequentou por cinco anos (vítima da palmatória e dos castigos com caroços de milho), não cobrava muito dos filhos que estudassem. Assim, ouvíamos nossa mãe dizer desde o primogênito a raspa do tacho (no caso eu), que tínhamos que fazer 18 anos para ter emprego e comprar uma casa. A gente ia para a escola porque era obrigatório, mas depois de uma certa idade, já na adolescência, se surgisse uma oportunidade de trabalhar e ganhar algum troquinho, se a escola atrapalhasse, era normal largarmos os estudos, pois ganhar dinheiro para ajudar era prioridade. Dessa forma, todos os quatro filhos da Dona Elina, em algum momento, evadiram da escola.

Já é possível imaginar que, se não havia a valorização da educação na família, também não havia patrocínio algum para a leitura, quem dirá, espaço para a literatura. O meu interesse pelo mundo das letras surgiu de forma solitária e fora da escola. Num sábado de manhã, quando eu ainda tinha cinco anos e ainda não frequentava nenhum espaço educativo, estava passando na televisão o antigo Telecurso 2000, que contou uma história sobre uma borboleta e a partir dessa história explorava palavras daquele texto, aquilo tudo chamou a minha atenção e lembro que o apresentador falou para pegar uma caneta e escrever aquelas palavras. Assim eu fiz. Peguei o caderno abandonado da minha irmã e lancei mão de tentar reproduzir aquelas letras e consegui. No mesmo lugar onde peguei o caderno tinha um livro de História o qual tinha a parte da frente (naquela época eu não sabia que

chamava de capa) muito bonita cheia de palavras e figuras, então decidi copiar tudo o que estava lá. Essa minha atitude fez com que minha irmã avisasse a minha mãe que eu precisava ir para escola, porque estava escrevendo sozinha.

Chegou então a fase pré-escolar para mim. Uma fase maravilhosa, foi quando eu descobri um mundo fora do meu quintal e das polegadas da televisão. Foram tantas descobertas! O ano foi efêmero e tão logo eu já estava na escola dos grandes (era e é assim, que as crianças que frequentam creches, chamavam e chamam a escola para crianças maiores, em fase escolar). Durante meus quatro anos de primário, tive a sorte de ter a mesma professora, a Tia Deusdete Caetano. Que professora porreta de boa! Minha iniciação a leitura literária começou com essa educadora. Não tínhamos uma biblioteca para ter contato com livros. Mas a Tia Deusdete não deixou de incentivar a leitura e levava a literatura mimeografada até nós. As histórias do Sítio do Pica Pau Amarelo, escritas por Monteiro Lobato, foram o prato principal da minha imaginação com a leitura. Mas eu só lia na escola. Em casa não tinha um ambiente ou motivação para ler, nem literatura à disposição, como a caçula de uma mãe proletária e muito ausente, minhas tardes eram preenchidas pelas obrigações domésticas e pela função de tia, cuidando dos meus sobrinhos para os meus irmãos trabalharem. O entretenimento era a televisão.

O tempo passou e então chegou a fase escolar do Ginásio. Falar de memória literária desse período é impossível. A transição do Primário para o Ginásio foi muito agressiva para mim. É como se num dia estivesse num mundo encantado e no outro fosse transportada para um lugar muito caótico. De fato, eu não estava preparada para um ambiente tão hostil. As turmas eram muito cheias e barulhentas, os professores, para manter o domínio da sala, enchiam muito rápido o quadro de textos e ameaçavam a gente para não conversar e copiar por que eles iriam apagar logo e assim, em 50 minutos chegávamos a copiar três lousas cheias, o dedo em que apoiávamos, agora a caneta e não mais o lápis, chegava a afundar e em pouco tempo brotou ali um calo. Nas aulas de Língua Portuguesa, a professora lotava o quadro com conteúdos gramaticais (conceitos). Ler literatura? No Ginásio isso

nunca aconteceu. E a pequena leitora, que lia pelo menos na escola, virou fumaça soprada pelo tornado das aulas de gramática sem sentido.

Sem mais delongas sobre o Ginásio, podemos pular para o já chamado de Ensino Médio. Nessa fase eu já comecei a experimentar como era trabalhar e me tornei aluna do noturno, mas consegui cursar o primeiro ano fielmente e também posso dizer que não tenho memória literária, as aulas eram apenas gramaticais. Filha da Dona Elina, segui o caminho do abandono da escola para trabalhar, as oportunidades de fazer hora extra e ganhar mais no fim do mês, fizeram a escola não ser prioridade, eu não tinha peso algum na consciência por isso, estava agradando a minha mãe, cumprindo o que ela me pediu, logo eu teria 18 anos e já sonhava em comprar uma casa para ela. Sem consciência alguma de classe social, mal sabia eu da dificuldade que era para realizar tal sonho.

Em dois anos, experimentei vários tipos de emprego dos quais logo cansei e comecei a me ver como explorada. Um salário miserável, que não dava para fechar as contas no final do mês. Foi quando decidi voltar para a escola, agora então na Educação de Jovens e Adultos – EJA. E nesse grande eco da minha formação de leitora, finalmente no terceiro ano, um professor de Língua Portuguesa abriu espaço para a literatura aos exaustos alunos trabalhadores estudantes noturnos. Tratava-se de um trabalho de leitura de um clássico da literatura que ele sorteava e a gente deveria ler e fazer um resumo sobre o livro. Tirei na sorte *Os miseráveis*, edição reduzida do romance escrito Victor Hugo. Posso fazer uma confissão? Foi muito difícil ler aquele livro. Parecia um trabalho forçado. Ali, ler, para mim, foi muito dolorido. E eu não sei dizer se é porque eu não gostei do livro ou se a abstinência da leitura desde o Ginásio tornou aquela leitura uma tortura para uma mente alienada e viciada em televisão. Ler aquelas 84 páginas foi um verdadeiro parto para mim. Dividindo uma casa de um cômodo com minha mãe, me distraía várias com o que passava na televisão, minha atenção estava disputada. Hoje eu não vejo muito sentido na forma como o professor trabalhou a literatura, ele não conversou um dia se quer sobre os livros que foram lidos, simplesmente entregamos o resumo e pronto, acabou. De certa forma, pelo menos ele nos fez ler. Eu segui não gostando de literatura. Não via sentido, achava uma

clausura ler e quando via um livro muito grosso, me dava um enorme desespero. Sempre tirando boas notas na disciplina de português, eu pensava ser boa em gramática.

Já certa de que não queria mais, ser babá, empregada doméstica, balconista e nem trabalhar para algum parente (muita gente sabe que é um dos piores empregos e um dos mais desvalorizados), assim que conclui o Ensino Médio, fui cursar no ensino superior a licenciatura em Pedagogia na rede privada. Das minhas memórias literárias enquanto docente em formação (Licenciatura em Pedagogia), lembro apenas das aulas de literatura infantojuvenil, nas quais aprendemos a trabalhar com a literatura por uma perspectiva que só hoje eu sei que é pedagogizante. Eu ainda não havia sido mordida pelo bichinho da leitura crítica e não tinha condições de enxergar as obras pelo prisma da arte literária e o seu poder de conscientização sobre a realidade do leitor. Mas na graduação, alguns professores conversavam muito com a turma sobre a oportunidade de cursar uma universidade federal, citavam muito a Universidade Federal do Espírito Santo. Eu admirava a fala deles, principalmente quando eles contavam suas histórias de vida, eu sonhava timidamente em um dia ser doutora, sem me sentir minimamente capaz de estar na UFES.

Três anos depois eu decidi arriscar e, surpresa! Passei para a licenciatura em Letras. E então, lá estava eu, aluna da rede federal de ensino, no Instituto Federal do Espírito Santo, o admirado, Ifes. Esse curso contribuiu imensuravelmente para a minha formação crítica e como leitora de literatura. Na polarização de nos identificarmos como eu sou da Linguística, ou eu sou da Literatura, a mocinha da escola básica que se achava boa em gramática, foi atingida pelo poder da arte da palavra. Uma iniciação à revolta de tudo aquilo que eu poderia ter vivido intelectualmente através da leitura, que me foi negado desde a infância começou. Com Antônio Candido nas aulas da professora Karina, soube que a literatura é um direito humano, que todos deveriam ter acesso e que enquanto parte do “capital economicamente rentável”, não era patrocinado para a classe operária. Trabalhar mais e fruir menos, isso foi pesado de ler. Foi quando eu me vi vítima daquilo que o importante filósofo, Antonio Gramsci chama de superestrutura desde que eu nasci. Eu estava

intoxicada pela baixa autoestima intelectual, repetindo sempre que aquele lugar não era para mim. Ler uma obra literária ainda era difícil para mim. Era doloroso. Precisei sair da caverna que habitei confortavelmente até então. Ao ler sozinha, eu não conseguia enxergar o que os professores comentavam nas aulas, foi preciso muito esforço e nutrição crítica com Alfredo Bosi, Nelson Werneck Sodré, Massaud Moisés e outros mais, até que, aos poucos, a visão foi se ampliando, os paralelos com a realidade começaram a saltar aos meus olhos e pronto, estava estabelecida admiração pela literatura. Algo que só se deu no meu terceiro período da graduação. Antes de disso, me sentia uma fraude. Cursava letras, mas não gostava de ler literatura. Talvez, isso fosse resultado de uma falta de ensino qualitativo de literatura na minha educação básica. Porque sim, há aquelas e aqueles que já carregam de forma autônoma o gosto pela literatura, mas para outros, essa precisa ser ensinada, conforme Rildo Cosson, e não bastava dizer que ler é bom e importante, eu precisava que me mostrassem como ler era bom e as circunstâncias da sua importância. E felizmente, encontrei pessoas apaixonadas e muito engajadas com o ensino de literatura, que me ajudaram a aprender literatura para além dos estudos dos períodos literários. Pude conceber que me apropriar da literatura era uma forma de resistência e superação da hierarquia social desprestigiada que eu, membro da classe subalterna, estava inserida.

No curso de Letras e durante o mestrado em Letras, tive a oportunidade incrível de estudar sobre a literatura infantojuvenil a partir de outra ótica. E pude me apaixonar por texto literários que, em tese, eram para crianças e adolescentes, mas que falavam de igual modo ao ser dos adultos. A relação com a LIJ seguiu estabelecida e minha pesquisa de mestrado se volta para uma obra infantojuvenil, amo as oportunidades humanizadoras que ela me proporciona e busco com uma coesa mediação proporcionar as mesmas experiências aos alunos. Sim. Sou uma adulta que lê livros que se destinam às crianças, assim como Ana Maria Machado comenta ser escritora de livros para crianças, que também são para adultos. Parece fútil, ou menos importante, não é? Mas quem experimenta uma boa obra infantojuvenil consegue ser tocado sobre questões que os livros para adultos também se propõem.

A formação de leitora de literatura, mesmo que mais tardia, contribuiu para que me formasse uma docente mais consciente da importância da literatura para a vida dos alunos, sobretudo, aqueles que frequentam a educação básica pública, remanescentes da classe proletária. Como professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, passei a valorizar a leitura literária, excedendo a visão do desenvolvimento da proficiência em leitura. Comecei a trabalhar o livro literário como arte com as crianças. Buscando sempre incentivar a leitura de obras que toquem as crianças pela proximidade com as questões sociais que cercam muitas delas. Compreendo a obra literária como uma porta que se abre para esbarrarmos e refletirmos sobre a realidade a nossa volta. Abandonando as práticas pedagógicas formadas durante a graduação em Pedagogia, passei a valorizar mais a experiência estética com a literatura na sala de aula.

Acredito que a formação de um leitor literário é um processo que pode sofrer muitas metamorfoses. Temos nossas preferências de leitura, assim como citei a minha. Mas, sabendo que há um patrimônio valorizado pela sociedade prestigiada e que há também o interesse na privatização do acesso a certos patrimônios culturais, entendo a importância de que mesmo com alguns favoritismos de leitura nossos, tenhamos contato com textos clássicos e não só com a literatura contemporânea. Magda Soares (2017) comenta que, infelizmente, a educação da classe desprestigiada sofre uma desvalorização e um estigma que faz com os agentes educacionais escolham pegar mais leve no ensino, levando a um enxugamento de conteúdos e leituras de obras que se julgam difíceis para o entendimento dos desfavorecidos. Dessa forma, a leitura de cânones acaba, por vezes, subtraída do currículo das escolas de educação básica pública, isso quando há espaço para a literatura no ensino básico.

A participação das oficinas de leitura praticadas durante a disciplina de Literatura e Ensino, trouxe essa discussão para nós professores. Por que ler os cânones? Justamente porque mesmo sendo escritos há muito tempo, é possível que, assim como a literatura contemporânea, se mostrem atuais em suas temáticas. A atemporalidade do texto canônico nos foi demonstrada através das leituras dos contos de Machado de Assis, um autor que normalmente é citado como difícil de ler.

Na leitura de *Contos de escola* vi a questão da corrupção, que perpassava a natureza do homem no século XIX e que ainda é um espinho na carne do homem contemporâneo. Quando li *O enfermeiro*, pude refletir sobre a complexidade dos textos machadianos de nos fazer pensar sobre a outra face da moeda, ou no caso do ser humano. Em *Pai contra mãe*, a surpresa do final do conto foi como um soco no estômago e me chocou pensar na forma como, muitas vezes, precisamos fazer escolhas que vão contra princípios éticos, quando o que se precisa fazer para garantir a sobrevivência numa sociedade muito hostil revela o pior de nós. E o que dizer de *O espelho*? A reflexão sobre viver de aparências, algo tão forte na sociedade destas últimas décadas. Estamos diante dos muitos espelhos da aparência na vida das redes sociais, a famosa sensação de vida perfeita, o *status*. Fechando o maravilhoso ciclo oficinas de leituras machadianas, lemos *Teoria do medalhão*. Ler os conselhos paternos para um filho baseado na visão de relacionamentos com pessoas influentes, que sejam possíveis oportunidades de ascensão social, o famoso relacionamento por interesse, para proveito próprio, para viver de aparências e não de laços foi mais uma rica oportunidade de ver um Machado tão atual. São muitas complexidades do ser que o autor, que sendo antigo, não tem nada de ultrapassado, nos faz imergir.

Penso que, infelizmente, devido à iniciação a prática de leitura literária tardar para mim, tenho um certo débito de leitura que devo saldar. Acredito que se tivesse um ensino básico que tivesse a literatura valorizada dentro do seu currículo, eu poderia ter um volume de leituras maior do que o que tenho hoje. É o exemplo do próprio Machado de Assis que só fui conhecer na graduação com 28 anos e ainda assim, com o volume alongado de leituras de textos teóricos, a leitura das obras vinha num volume um pouco menor. Por isso, a abertura para participar das oficinas de leitura no mestrado foi muito enriquecedor, e patrocinou o sabor de ler Machado mais uma vez, já que após a graduação, eu ainda não havia relido.

Referências

- ANDRUETTO, Maria Teresa. Algumas questões em torno do cânone. In: _____. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2015.
- ASSIS, Machado. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- COSSON, Rildo. “A prática da leitura na escola: mediação ou ensino?”. In: Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 161-173, set/dez. 2015.
- FRANCHETTI, Paulo. Ensinar literatura para quê? **Revista Desenredos**, Ano I - número 03 - Teresina - Piauí – novembro/dezembro 2009, p. 2.
- LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Disponível em <https://contobrasileiro.com.br/felicidade-clandestina-conto-de-clarice-lispector/>. Acesso em 12/10/2022.
- MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a escola**. São Paulo: Ática, 1988.
- MACHADO, Ana Maria. **Ah, cambaxirra se eu pudesse...** . São Paulo: FTD, 2003.
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola** - uma perspectiva social. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

LEITURA, UM MUNDO DE DESCOBERTAS

Marcella Pontes de Oliveira Barbosa

Era uma vez...

Assim é introduzido meu mundo literário, um mundo que me fez sonhadora e almeiante de ter um príncipe e, de fato, encontrei. De origem humilde, nunca tive um livro em casa, as histórias chegavam a mim contadas por minha mãe, minhas tias, minha avó Maria e até mesmo por algumas vizinhas. Sendo um conto fantástico ou uma história inventada, lá estava eu a viajar e a me transportar por fantásticos mundos. Sentia e vivia emoções singelas, coisas de criança, ainda um pequeno botão no jardim da infância. Príncipes, princesas, castelos, carruagens, fadas e bruxas povoavam meu repertório de leitora ouvinte.

Naquela época, grande era minha alegria quando visitava conhecidos com enormes estantes de livros disponíveis para empréstimo. Sentia-me a narradora de “Felicidade clandestina” quando teve a oportunidade de desfrutar de uma imensidão de livros da maneira que achasse melhor. Vingança merecida para a gorda esnobe.

Também era imensamente feliz, quando seu Armando, um verdureiro conhecido, nos presenteava, a mim e à minha irmã com revistas e gibis, a diversão era garantida, a turma da Mônica, certamente era minha melhor aliada. Adormecida a euforia de criança leitora deu lugar a adolescente confusa que apenas nos anos finais do ensino fundamental, influenciada pela professora de Língua Portuguesa, a Sra. Alzira, acorda do sono profundo. Todos os incentivos da sábia mulher servem de inspiração até hoje. Eles foram adubo para a planta, ainda em botão, que voltou a crescer para desabrochar timidamente. Agora eu era Polyanna, Raquel, Emília, Narizinho e tantas outras aventureiras. Fui ainda, Valéria de *Depois daquela viagem*, senti as dores e o preconceito, sofri...

Ao cursar o ensino médio, tempos de novos interesses, o desejo pela leitura permeava outros desejos, fui apresentada aos filmes, era tudo muito cômodo e também interessante, assim como um curioso livro que ainda conseguirei ler, *No silêncio do sexo*, curiosidade de adolescente que ainda trago comigo, a obra foi escrita por um dos padrões do meu pai, ela esteve em minha casa como algo proibido e o tempo levou para longe os exemplares, mas não a vontade de saber seu conteúdo.

Os clássicos da literatura chegaram tardios, apenas quando ingressei em um pré-vestibular e conheci a fada Flávia, professora de literatura que me fazia sentir ódio, amor, vergonha, medo, paixão entre tantos sentimentos despertados pelas corajosas mulheres de José de Alencar. Essas mulheres me fizeram assumir meu lugar no mundo, ser protagonista, não que tivesse deixado de lado o sonho de encontrar um príncipe, mas agora tinha de ser uma princesa moderna, que trabalha estuda e não se deixa abater pelas dificuldades impostas pela desigualdade social.

Foi difícil, porém compensatório, cursar Letras, o que me tirou da zona de conforto, passei a enxergar o mundo com mais criticidade, passei a questionar coisas até então inquestionáveis. A cada obra trabalhada, o mundo se tornava ainda maior. Aquela visão ingênua dos contos não cabia mais em minhas leituras, tudo o que estava por trás deles mostrava que pessoas são cruéis e apenas os ignorantes ainda não compreendem isso.

Com o mestre Graciliano Ramos enxerguei em Paulo Honório, com sua bruta vida, a representação do meu pai, que tanto maltratou os seus e que hoje vive só.

Ainda na graduação, fui apresentada ao bruxo pela bruxa Beatriz Fraga, ele é Machado de Assis, mulato afrontoso que “capetonicamente” eu passei a usar em avaliações como vingança e não como reflexão para essa sociedade hipócrita. Hoje peço perdão, confesso que errei muitas vezes. Também prometo não mais errar. E como cheguei a essa conclusão? A flor está agora em seu mais potente desabrochar, ela cursa Mestrado Profissional em Letras (Profletras) e tem participado de enriquecedoras aulas como as que repaginaram minha visão sobre as obras do mestre Machado que depois de tantos anos não deixa de ser atualíssimas. Afinal, alguns aspectos da natureza

do homem não mudam: egoísmo, vaidade, indecisão, complexos. A sociedade, mais do que nunca, vive de status e de aparência, assim como o alferes que eliminou o homem, as pessoas maquiagem-se, vestem-se, usam filtros e mostram-se alguém que outros querem ver, e não o que de fato são.

As redes sociais, tão manipuladoras, controlam nossas crianças, adolescentes, jovens e adultos. Por isso, não posso mais me negar a fazer a diferença na vida de muitos jovens, usar a literatura a favor de uma sociedade melhor, tenho errado, mas também acertado, embora possa acertar muito mais. Acolho a tese de Antunes (2015) que a escola do século XXI não é mais um quadrado e sim, praticamente um planeta, por isso, retomar os contos de Machado, ver novas estratégias de trabalho, é novamente receber adubo para permanecer firme e implacavelmente radiante.

Minha versão sonhadora que se casou com um príncipe, compõe um reinado, ele é o rei e eu a rainha, temos uma princesa, mas a história não encerra por aí, sou uma rainha e o meu reino quase encantado, devido às péssimas políticas públicas. Trabalho numa escola localizada em uma pacata cidade chamada Rio Novo do Sul. Entendo que meu trabalho seja de formiguinha, meu ideal é impactar inúmeras vidas que às vezes chegam à escola sem saber o que são os encantos e também desencantos da leitura. Assim como Cândia (1989), penso que a literatura promove o exercício da reflexão, ela exerce a formação do homem como ser histórico e social que dialoga o real com ficcional ou ficcional com real na tentativa de resolver os problemas sociais, discutindo harmonicamente.

Acredito que minha tímida contribuição, vá ao encontro do que propunha Machado quando expunha em seus textos as mazelas sociais representadas nas diversas classes sociais do Brasil. E encerro minhas memórias literárias com a reflexão que todos deveriam fazer ao deleitar-se com o bruxo: Quem eu sou a partir do outro?

Referências

LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina. Disponível em <https://contobrasileiro.com.br/felicidade-clandestina-conto-de-clarice-lispector/>. Acesso em 12/10/2022.

POLIZZI, Valéria Piassa. **Depois daquela viagem** – diário de bordo de uma jovem que aprendeu a viver com aids. São Paulo: Ática, 1997.

MARCONDES, Ricardo. **No silêncio do sexo**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

ANTUNES, Benedito. O que significa ensinar literatura no mundo contemporâneo? **Miscelânea**: Revista de Literatura e Vida Social. Assis, v. 18, p.217-230, jul.-dez. 2015.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos E... Cjp / Ed. Brasiliense, 1989. Site: <http://homoliteratus.com/antonio-candido-o-direito-humano-literatura/>

EXPERIÊNCIAS DE LEITURA QUE ME (TRANS)FORMARAM

Monize Fiorin Goldner

Meu caro leitor, essa é uma memória que talvez o deixe entediado. Quiçá você ache, quando chegar ao final dessas linhas, que teria sido melhor ter gastado o seu precioso tempo com outras leituras, quem sabe uma anedota? Mas ficarei grata caso você perceba, em algum ponto do que me disponho a contar, um diálogo com as suas próprias memórias... talvez as oficinas literárias com os contos machadianos que experienciei no mestrado e que me fizeram lembrar a profunda relação que, no decorrer da vida, tive com a leitura e que se materializa nesta memória, não os aborreça, antes os faça gostar dessas palavras...

Ah, as palavras... sempre me fascinaram! Quando criança, encantava-me com as histórias que surgiam delas ao serem lidas por meus professores...em uma terra longínqua eu via princesas trancafiadas em uma torre muito alta, espelhos mágicos sendo interpelados por uma bruxa má, maçãs envenenadas, um gênio que realizava desejos, uma formiguinha que padecia na neve... a leitura preenchia os meus dias de infância com grandes aventuras e descobertas. Desde então, os livros tornaram-se meus companheiros constantes e a biblioteca escolar, meu lugar favorito.

Na minha infância e adolescência, eu lia tudo que fosse acessível, jornais, revistas, receitas, mas a leitura literária era o que realmente me envolvia. Naquela época, ao perceber minha afeição pela leitura, minha mãe passou a me contar histórias antes de dormir, essas da tradição oral que ela escutava de seus pais e avós e que nos conduzem a reinvenção da cena familiar ao redor do mais velho, o transmissor do

saber. Quanta saudade! Quantas experiências eram transmitidas por meio dessas histórias!

Hoje, no nosso mundo moderno, com muita angústia percebemos que essas experiências, como defende Walter Benjamin, caminham para o declínio. Os mais velhos estão perdendo a autoridade e nós, a sensibilidade. Em um mundo de aparências, sentimos dificuldade em narrar nossas dores, nossos traumas e assim, caminhamos para o empobrecimento da experiência humana.

Naqueles idos, quando minha mãe narrava os “causos”, meus olhos brilhavam e eu bebia cada gota da sabedoria de gerações, dela e de todos os que antes dela experienciaram a vida! Hoje, embora minha mãe não esteja mais no mundo físico em que nós vivemos, ela vive em cada palavra dita, em cada história contada, nas lembranças do amor. Não obstante, quantos não tiveram ou não têm o privilégio de vislumbrar o reino das palavras.

Fui crescendo e experienciando novas leituras, novas descobertas. As princesas foram se tornando mulheres fortes que não precisavam mais ser salvas por príncipes. Elas eram as heroínas de suas próprias histórias. Ainda, lá no ensino fundamental conheci um escritor que marcou profundamente minha relação com as palavras: Machado de Assis! A leitura das obras machadianas me mostrou que as palavras, além de emocionar, têm o poder de criticar, ironizar, mostrar as faces mais sombrias e decadentes de uma sociedade. Um escritor que conversava comigo, como eu ousou, nesta memória, imitar.

Ler novamente os contos de Machado, agora adulta, em oficinas do meu mestrado, me fez perceber outras nuances das palavras, aquelas que revelam, a cada linha, a complexidade humana. Duas crianças, um pai e uma mãe que as desejam e lutam contra as situações adversas, mas no final, só uma sobrevive, um discurso criado para tentar se justificar: “*Nem todas as crianças vingam*”. Foi assim que a leitura de “Pai contra mãe” retornou as minhas reflexões.

Depois, lembrei do garotinho inteligente e arteiro que preferia brincar na rua ao invés de ir para a escola, pois esta última era para ele lugar não criativo, não reflexivo. Pilar reaparecia em “Conto de escola” mostrando as lições de corrupção e delação que tivera. “O enfermeiro” me fez lembrar das contradições humanas, como julgar e

condenar o outro é mais difícil do que aparenta, pois, a história, assim como a vida, tem dois lados, duas faces.

Os contos “O espelho” e “Teoria do medalhão” me lembraram a ironia e criticidade nas palavras que aprendi com Machado na minha educação básica. Apesar de suas narrativas particulares, os contos mostram uma sociedade muito preocupada com a aparência em detrimento da essência, o que perdura nos dias atuais. Essas leituras me remeteram a teoria de Bakhtin sobre o *grande tempo*, em que as obras dissolvem as fronteiras de sua época, vivem nos séculos. Os contos de Machado atravessaram o tempo, os séculos foram entrelaçados pelas palavras.

A partir dessas oficinas de leitura passei a refletir sobre como fazer meus alunos experienciarem a leitura de forma significativa. Lembro que, à época do meu Ensino Fundamental e Médio, em muitas aulas a leitura não tinha sentido, os textos eram usados apenas como pretexto para ensinar aspectos gramaticais, isso me desinteressava. Os fragmentos de textos maiores nos livros didáticos, sem contextualização, não me incentivavam para a leitura. Hoje, como professora, percebo que essa situação ainda perpassa a prática escolar. No entanto, posso dizer que venci a falta de incentivo à leitura das aulas de outrora e confesso, ainda com calor no coração de quando ouvia as histórias de minha mãe, que o grande divisor de águas na escolha da minha profissão foi a experiência e o encantamento que vivi através das palavras.

É importante lembrar e destacar que a ampliação das minhas leituras me fez mais atenta a questões históricas e sociais. Na faculdade, a leitura de romances, contos, lendas e mitos africanos e afro-brasileiros, os quais conheci e pelos quais me encantei, proporcionou que eu conhecesse as tradições, as crenças, os valores, a visão da vida e da sociedade de um povo que, na minha educação básica, foi mostrado apenas pelas lentes da escravidão, do racismo e do colonialismo. A leitura também liberta! Posteriormente, na minha prática docente, essas leituras possibilitaram desconstruir imagens preconceituosas e equivocadas sobre diversos aspectos relacionados à cultura africana,

Minhas experiências de leitura também me levaram a perceber a literatura como arma de denúncia e resistência, contar a história das

minorias, daqueles cuja voz foi negada por uma ideologia dominante, que por diversos motivos tentaram silenciar, histórias desprezadas e apagadas da memória coletiva. Assim, a literatura de testemunho me mostrava palavras que incomodavam, revoltavam, sensibilizavam e me faziam rejeitar qualquer tipo de repressão e injustiça.

Mais uma vez aqui importa a experiência narrada, como defende Benjamin (1987). Importa também, como nos diz Paulo Franchetti (2009), as reflexões sobre o passado no nosso presente, esse elo capaz de deixar cada época menos “cega” na insistência de olhar apenas para si mesma. Minhas leituras me conduziram, portanto, a perceber a importância do trabalho em sala de aula com os textos de testemunho. No decorrer da minha trajetória acadêmica e profissional compreendi o acesso aos textos literários como direito essencial para a formação escolar e humana dos meus alunos e alunas. Concordo com Candido (2002) que defende a literatura como um poderoso instrumento de educação, capaz de nos sensibilizar e humanizar. Portanto, sempre busquei na minha profissão mobilizar práticas que despertassem o interesse dos meus alunos a fim de que pudessem vivenciar a experiência da leitura como diálogo e construção de sentidos.

Quantas palavras já foram ditas nesta memória! Para mim, as palavras se revestem de significado e podem desenvolver autonomia e liberdade a quem delas se apropria. Por isso, minha luta como professora da educação básica de uma escola pública sempre foi em colaborar com a formação de leitores críticos, preparados para os diferentes tipos de textos e linguagens, capacitados para refletirem, atuarem e transformarem a sociedade.

Minha luta também vai além, é por políticas públicas que reconheçam e valorizem a leitura, para que nossas escolas tenham um espaço apropriado para funcionar a biblioteca, tenham bibliotecários, tenham grandes acervos capazes de atender a todos os gostos dos nossos pequenos e grandes leitores... aventureiros, apaixonados, investigadores, engraçados – diversificados! Descobri, nas leituras, a importância de “esperanlutar”!

Estimado leitor, você deve ter percebido que, ao narrar minhas memórias, não obedeci a cronologia imposta pelo tempo, as palavras me deram a liberdade de afrontá-lo. Em meio a esses recortes

memorialísticos, fica a certeza de que as leituras que realizei, no decorrer da vida, foram (trans)formadoras e meu desejo sempre foi possibilitar que também fossem para outras pessoas. Outras leituras me aguardam, novas histórias precisam ser lidas, ouvidas, contadas e experienciadas! Convido-o a viver também, leitor, a aventura da palavra!

Referências

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II.

BAKHTIN, Mikhail. A ciência da literatura hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*). In: BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização e posfácio de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, 34, 2017. p.9-20.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119. Disponível em: Microsoft Word - Documento5 (wordpress.com).

CANDIDO, Antonio. Discurso do paraninfo. In: _____. **Textos de intervenção**. São Paulo: Editora, 34, 2002. p.310-319.

FRANCHETTI, Paulo. Ensinar literatura para quê? **Revista Desenredos**, Ano I - número 03 - Teresina - Piauí – novembro/ dezembro 2009.

REVIRANDO MINHA CAIXA DE MEMÓRIAS

Regina Célia Marinho Coutinho

É hora de tirar a poeira de algumas lembranças, abrir as gavetas emperradas do passado com objetivo de buscar significado para o momento que vivo. Nesse exercício de recordações, percebo que a memória é uma dádiva, mas também pode ser uma maldição, isto porque há coisas que queremos esquecer ou que não convém lembrar. Sei que alguns podem pensar que esse processo pode ser terapêutico, um momento de catarse, no entanto acredito que não é esse o meu caso. Tenho direito sobre as minhas memórias e decido aqui o que prefiro lembrar.

Sempre fui muito curiosa e de espírito livre, como toda criança ao aprender a ler queria decodificar o mundo, onde via letras, queria juntá-las e dar significado a elas. Hoje percebo como somos inocentes neste período por acreditar que basta juntar uma consoante aqui e uma vogal ali e compreenderemos tudo, entraremos para o mundo letrado onde quem lê e escreve é valorizado. Valor esse que percebi logo nas primeiras palavras soletradas, pois minha mãe sorria orgulhosa e fazia questão de mostrar para outros como sua filha lia bem.

Por ser de uma família pobre, nunca tive acesso fácil a livros. Lembro do primeiro livro que ganhei e que foi dado pela empresa onde meu pai trabalhava que costumava presentear, todo final de ano, os filhos dos funcionários com presentes de Natal, normalmente brinquedos, mas aquele ano foi diferente, dos meus quatro irmãos, eu fui a única que ganhara um livro e por ironia do destino, seria a única da família a me tornar não somente professora, mas a lecionar língua portuguesa. Confesso ter ficado um tanto decepcionada, afinal queria um brinquedo, pois era minha única oportunidade de ganhar um durante o ano. Mas essa experiência me ensinou que nem sempre aquilo que desejamos é o melhor para nós. O livro de poesia de Ruth

Rocha se revelou um belo presente, pois foi o meu primeiro contato fora da escola com o texto literário.

Minha mãe sempre valorizou que seus filhos estudassem e ela sabia que para isso era importante que lêssemos. Então, com muita dificuldade, lembro dela ter adquirido enciclopédias na mão de um prestamista que durante vários meses levava parte do pouco dinheiro que ela possuía ainda ouço frases delas ressoando na minha cabeça como “conhecimento não ocupa espaço”, “a única coisa que ninguém pode tirar de vocês é o conhecimento”. Na infância pobre só tive uma boneca, mas graças a minha mãe não me faltaram livros.

Sempre estudei em escola pública onde não havia bibliotecas, ou melhor, até havia o espaço chamado biblioteca, todavia não era usado como tal; lembro que em uma das escolas na qual estudei era usada como sala de vídeo. Embora até víssemos livros ao entrar na sala, isto é, biblioteca, ou seria videoteca? Algo confuso para mim, até hoje, imagina no ensino fundamental, pois sem estímulo à leitura e um projeto educacional que valorizasse a literatura fazia muito mais sentido para mim naquela época ver um filme na escola do que ler um livro.

Foi somente no ensino médio, quando entrei no Ifes em 1997, que conheci uma biblioteca de verdade, minha primeira reação foi de encantamento. Aquela biblioteca de dois andares bem arejada e bem iluminada com os livros organizados por códigos era o sonho de consumo de qualquer aluno que como eu gostasse de ler e estudar. No entanto, confesso o que mais me atraía nessa biblioteca não era a leitura literária, até porque fazia curso técnico em edificações, então entre cálculos estruturais e projetos arquitetônicos, corria para biblioteca para ler revistas e jornais, como amava ler textos jornalísticos. Nessa época, até cheguei a pensar em fazer comunicação social na Ufes, mas ficou só nos devaneios da minha mente.

Agora talvez, você esteja se perguntado como então me tornei professora de língua portuguesa? Não satisfeita com o trabalho de técnica, resolvi fazer algo que realmente gostasse e como sempre gostei de ler e escrever, além de ter facilidade em aprender gramática, decidi fazer Letras em 2003, mas devo admitir que a princípio não pensava em ser professora, pensava em outras possibilidades. Surpreendentemente, comecei a dar aulas a partir do 3º período e efetivei como professora

do Estado em 2009. Pronto, estava num cargo efetivo, o sonho de consumo de muita gente embora esse não fosse meu plano inicial, mas como disse anteriormente nem sempre o que desejamos é o melhor para nós. Nessa fase da minha vida, identifiquei-me um pouco com a personagem do conto de Machado de Assis, *Teoria do Medalhão*, pois já passara dos 21, sendo mal sucedida na escolha da primeira profissão, agora era hora de buscar estabilidade financeira pelo menos era isso que minha família e a sociedade esperavam de mim e eu covardemente cumprir o papel que esperavam. Até porque, após ler *Cem anos de solidão* de Gabriel Garcia Marques durante a graduação, uma leitura que me impactou muito e é meu livro preferido até hoje, consegui perceber que meu pai também era vítima de uma maldição, incapaz de amar. Portanto, não podia contar com seu apoio e compreensão, por isso era urgente dar um rumo à vida.

Ao iniciar na carreira docente, acredito que, como muitos professores iniciantes, tinha a ideia de que só dependia de mim como boa professora para transformar a vida do aluno, que podia com esforço e dedicação motivá-los a ler e escrever e fazer a escola ter significado em suas vidas. Mas a realidade da sala de aula e principalmente de uma escola pública é cruel e ultrapassa qualquer teoria. Sendo assim, não levou muito tempo para perceber que apesar do desejo, esforço e conhecimento teórico para formar leitores e usuários competentes da língua envolve empenho para além do trabalho solitário do professor de português.

Deparei-me com os mesmos problemas vivenciados por mim enquanto aluna de escola pública em relação à falta de uma biblioteca funcional, de programas efetivos e eficientes no incentivo à leitura só que agora estava do outro lado, como professora diante de uma geração como diria Cândido (2002) muito mais complacente, pois concordo com sua fala de que todo saber duradouro se adquire mediante esforço e disciplina. Todavia, vejo nos rostos dos meus alunos o desânimo e angústia à medida que sentem que as horas não passam enquanto estão na escola e para muitos desses as aulas em que se trabalha a leitura de textos literários são uma verdadeira tortura. Como Pilar no *Conto de escola* de Machado, que preferia estar brincando na rua a ir à escola, sentem um arrependimento diário, e a impressão que

tenho é que preferiam assim como a personagem ao final do conto se sentirem livres acompanhando uma marcha para bem longe da escola. Não os julgo, pois admito ter às vezes o mesmo desejo.

No entanto, apesar dos desafios e desencanto não me dava por vencida, continuava agora com menos ingenuidade a trabalhar projetos de leitura. Em um certo ano, fui chamada para produzir a avaliação de reclassificação de uma aluna do 6º ano chamada Sandra, que incluía interpretação e produção de texto, para minha surpresa ela conseguiu com facilidade ser aprovada e foi reclassificada para o 9º ano, indo parar na minha turma. Incrédula com o seu rendimento acima da média da turma, perguntei-lhe como conseguia se sair tão bem nas avaliações de leitura e escrita tendo ficado tanto tempo fora da escola. Ela então me respondeu que embora nunca tivesse livros para ler na sua casa, lia tudo que via pela frente desde rótulo de xampu à bula de remédio, que embora tivesse parado de ir à escola nunca parou de ler. Isso fazia com que ela tivesse uma competência linguística melhor do que seus colegas que nunca haviam se afastado da escola. Essa menina exemplifica para mim o que Candido (2002) diz ser a principal missão do professor em seu discurso como paraninfo à turma de formandos de Filosofia, Ciências e Letras de 1947 da USP que “é viver a aventura do pensamento junto com os alunos”, enriquecendo a nossa sensibilidade e nossa visão das coisas, alinhando o ensino e a compreensão da vida. Essa aluna me ensinou que eu precisava olhar mais de perto meus alunos e me fez refletir na certeza de que se a leitura de textos comuns foi tão benéfica a essa menina, o que o ensino da leitura literária não poderia fazer por ela? Para minha alegria essa aluna hoje é minha colega de profissão, formada em Letras pelo Ifes.

Devo confessar que esses 18 anos de profissão foram marcados mais por sentimentos de angústia, frustração, desânimo e revolta do que alegrias. E por mais incrível que possa parecer, foram esses sentimentos ruins que me trouxeram até o Profletras; estava à beira de desistir da docência quando passei no mestrado, impulsionada pelo desejo de mudança senão da condição docente pelo menos da forma de exercê-la. Nesse sentido, o programa tem sido para mim como bote salva-vidas, e escrevo isso com lágrimas nos olhos, pois já estava cansada de me debater ou emitir a minha voz em vão contra um

sistema no qual a produtividade medida pela aprovação de alunos está acima da qualidade de ensino.

O maior ganho que tenho vivido nestes meses de mestrado, é poder me sentir livre novamente não por ingenuidade como na época de formanda em Letras por achar que vou mudar algo, mas por desatar as amarras de uma forma educar que rouba a nossa consciência, hoje consigo olhar para mim e me reconhecer enquanto professora e saber exatamente qual meu papel e que não cabe a mim mudar o sistema, mas subvertê-lo. Esse conhecimento gera em mim uma sensação tão gostosa de libertação.

Essa subversão passa especialmente pelo ensino da literatura em sala de aula, pois a leitura literária é capaz de contribuir na formação dos sujeitos críticos, mas para isso é fundamental o papel do professor em mediá-la. O aluno precisa aprender a ler literatura e esse ensino pode ser bem ou mal sucedido, dependendo muito da forma como tal ensino ocorre na escola e tendo impacto direto na formação do leitor. Lógico que os problemas de infraestrutura já citados aqui, a falta de interesse dos alunos por leitura literária e falta de apoio muitas vezes da própria equipe pedagógica da escola constituem obstáculos enormes a esse trabalho do professor de língua portuguesa, todavia tenho aprendido que a partir do momento que esse professor é um leitor motivado e possui um aparato teórico que sustenta sua prática, é possível explorar ao máximo com seus alunos as potencialidades do texto literário, além de criar condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o próprio aluno, considerando a sociedade em que estão inseridos, a exemplo do vivenciei nas oficinas realizadas na disciplina literatura e ensino com contos de Machado de Assis, como afirma Cosson (2015).

Quero muito criar novas memórias da minha prática docente que reflitam realmente a aplicação desses conhecimentos adquiridos e que, por meio deles, meu caminho na educação possa se tornar menos tortuoso. E que aquela menina curiosa e de espírito livre possa permanecer em mim e contribuir para que meus alunos também encontrem a liberdade por meio da leitura literária.

Referências

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II

_____. “Conto de escola”. Disponível em: Microsoft Word - conto.html (dominiopublico.gov.br)

MOTA, Rildo José Cosson. A prática da leitura literária na escola: mediação ou ensino? **Nuances**: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 161-173, set./dez. 2015. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/373>

AULAS DE LEITURA, UM ATO UTILITÁRIO

Vandercileia dos Santos Barbosa de Lima

Seria interessante se alguém pudesse ouvir ou ler meus pensamentos para ajudar-me a organizar as ideias quando estou confusa, pois é esse o sentimento que tenho agora ao iniciar a escrita dessa memória literária. Gostaria de lembrar-me de cada texto que li na minha infância e adolescência, porque só agora, a criança que vive em mim entenderia cada um daqueles livros, de uma forma mais clara, e traria as alegrias das descobertas de uma leitora iniciante ao período de maturidade que vivo hoje.

Iniciei minhas leituras de forma solitária, na escola primária que vi construir e sonhava com o dia em que pudesse estudar. No primeiro ano, quando comecei a ler, a alegria era tanta que sempre, ao chegar da escola, eu pegava os meus livros didáticos e depois os das minhas duas irmãs mais velhas e lia todos os textos. Muitas vezes, essas leituras eram adiadas para esperar meu grande expectador, o meu pai. Esperava até ele chegar do trabalho para ler em voz alta, mostrar o quanto eu já estava lendo. Todo orgulho, meu pai dizia, minha filha já lê texto da 4ª série. Meu primeiro contato com a literatura foi através dos livros didáticos.

Depois de algum tempo, comecei a ter contato com livros literários na escola, na 5ª série, com a professora Eliane que conheci a Coleção Vagalume – uma coleção de livros muito interessante, o que mais me chamou a atenção foi o livro *O escaravelho do diabo*, de Lúcia Machado de Almeida. Não me esqueço da história de mistério envolvendo a morte de pessoas que recebiam uma caixa com um besouro.

Li outros livros que consegui também na biblioteca da escola. Mas na pequena casa de madeira, onde um único quarto era dividido por todos os filhos, não havia lugar de sossego para uma boa leitura e nem mesmo podia deixar a luz acesa até que o sono fosse maior que a vontade de terminar de ler mais um capítulo, havia horário para dormir.

Lembrando-me dessa fase, penso que criança realmente não tem noção do perigo que está em sua volta, aos 12 anos, sentava-me na escada da cozinha, do lado de fora da casa, fechava a porta, bem devagarinho para ninguém ouvir e ficava lendo ali por horas, enquanto todos da casa dormiam. Isso porque era a única luz que ficava acesa depois das 9 da noite.

Depois de avançar mais um passo no mundo da fantasia literária, passei a buscar outros livros na biblioteca da escola. Nesse período, minha vida tomou muitos rumos e a leitura foi a que sempre me acompanhou. Meu pai saiu de casa, perdi minha plateia, ele era meu único incentivador. Passei a ler mais escondido ainda para não ser alvo de críticas e chacotas das irmãs que diziam que eu ficava lendo para fugir dos serviços domésticos.

Aos quatorze anos, comecei a trabalhar na casa de uma dentista e um médico, lá os quatro filhos deles tinham uma enorme quantidade de livros em uma estante. Fiquei encantada por eles, todo momento de folga, lá estava eu, lendo até mesmo os livros infantis que não tive oportunidade de ler na minha infância.

Um tempo depois, já no Ensino Médio, passei a cuidar da minha irmã mais nova, trabalhar no consultório e fazer curso de datilografia. Com muitas ocupações para uma menina de 17 anos, eu me refugiava nas leituras e as escritas que começaram a engatinhar. Comecei a marcar um compromisso literário comigo mesma, às sextas-feiras, passava na biblioteca da cidade, pegava um livro e, no domingo, à tarde, colocava-o na cesta da bicicleta e ia para a Praça 22 de agosto, uma praça que fica no centro de Linhares. Lá me sentava em um banco e lia, debruçava-me sobre um livro, depois voltava para casa, para meus afazeres e minha realidade.

A arte da literatura fazia tantas provocações em mim, que um dia resolvi me inscrever em um grupo de teatro da minha cidade. Nesse grupo encenávamos e declamávamos poesias. Foi um período incrível, conheci pessoas que tinham os mesmos sonhos que eu, desfrutava das mesmas alegrias de pensar em ir mais longe, não ser como as minhas colegas de infância que pensavam em terminar apenas o Ensino Médio, casar e ter filhos. Era isso que a maioria das colegas do meu convívio

pensavam e conheciam da vida, talvez porque não se aventuravam no mundo da fantasia que os livros proporcionavam.

Esse grupo me colocou em contato com pessoas muito cultas, que viam as coisas de um ângulo muito mais amplo do que eu conseguia enxergar até aquele momento. Um editor do jornal impresso da cidade visitou nosso grupo de teatro e em sua fala, sugeriu o livro *O vermelho e o negro*, de Stendhal. Foi a primeira vez que eu li um livro tão intenso e com traços de outra cultura.

Esse encantamento que a literatura exerce é explicado por Bakhtin (2017) quando afirma que a ciência da literatura deve estar vinculada à cultura, pois a literatura faz parte da cultura, é inerente a ela.

Na escola, alguns professores do Ensino Médio também me incentivavam a ler, passei a escrever cada vez mais. Quando chegava à noite, na falta de alguém para conversar, eu escrevia. Eram poesias, histórias românticas, todo o mundo da fantasia que a leitura me descortinava.

Quando optei por fazer o curso de letras, não tinha muitas informações sobre o curso, mas uma coisa eu tinha certeza, teria que ler muito e só isso já bastava para confirmar meu interesse.

As aulas de teoria literária, latim e didática foram as que me trouxeram o questionamento sobre o que eu realmente queria aprender e o que eu futuramente iria ensinar. Percebi que não seria a faculdade de letras que iria preencher as lacunas deixadas nas séries iniciais.

No quarto período da faculdade, comecei a trabalhar na sala de aula como professora regente. Seja na escola com meus alunos como em casa, com minha filha, sempre incentivo a leitura com muito entusiasmo, pois eu sempre estava lendo e falando da magia do momento de leitura. Em minha casa, sempre há lugar de destaque para os livros. O primeiro dia que minha filha leu em casa, eu me emocionei muito, com apenas 4 anos, pegou o jornal que eu e meu esposo liamos sempre pela manhã e começou a ler também.

Quando ela completou 11 anos, comemoramos o seu aniversário na Flip (Feira literária internacional de Paraty), evento que reúne autores de vários lugares do mundo para realizarem palestras, lançamentos de livros, debates, teatros e apresentações culturais

diversas. Essa foi uma viagem inesquecível. Espero ter deixado nas memórias literárias delas, marcas que eu nunca pude ter na infância.

Hoje, 25 anos depois do primeiro ano de sala de aula, continuo a motivar meus alunos com o mesmo entusiasmo, faço com que o momento de leitura seja o mais prazeroso possível, deixando os alunos escolherem os livros que mais lhe agradem. E de acordo Paulino (2004, p. 56) “A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres”. Por isso acredito que seja sempre importante fazer debates sobre as leituras e não utilizar o livro apenas como pretexto para respostas a um questionário, é preciso ir além, trazer para o contexto atual, fazer reflexões, valorizar a leitura, colocá-la como protagonista do momento de aprendizagem.

Agora estou em outra fase da minha vida de leitora, sou estudante de um mestrado que exige várias leituras e apresenta-me várias possibilidades de trabalho com a literatura. Frustrro-me por não conseguir ler todas as obras sugeridas nesse momento e encanto-me cada vez mais com o quanto posso também encantar meus alunos se eu souber conduzir o meu trabalho ou desencantá-los se eu não usar a metodologia adequada em minhas aulas. É sempre tempo de aprender, renovar ou confirmar o que já venho fazendo nesse tempo de trabalho docente.

Relendo alguns contos clássicos de Machado de Assis para as aulas de Literatura do mestrado, aliadas a leitura de teóricos como Bakhtin e Cândido entre outros, consigo encontrar mais elementos para enriquecer minhas próprias memórias e também a de meus alunos.

Participar de aula de literatura como estudante traz a grande oportunidade de ver na leitura a grande magia do conhecimento que não tive oportunidade na minha infância, talvez porque não encontrei professores tão apaixonados pelo que transmitem, eram aulas apenas ditadas pelos livros didáticos e poucos professores falavam com paixão dos próprios livros que liam, poucos tinham o dom de deixar no aluno o brilho nos olhos e a curiosidade para saber o final da história. Havia também aqueles que indicavam filmes no lugar do livro e os que cobravam apenas um questionário, cheio de perguntas nada reflexivas que matavam aos poucos o leitor dentro de cada aluno.

A literatura, assim como a língua, é um sistema vivo e flexível, pois ela só existe quando o autor e o leitor existem, como esses estão em constante mudança, a literatura se adapta ao contexto.

Quando lemos contos de Machado de Assis, os quais foram escritos em um período tão distante do que vivemos hoje e conseguimos encontrar situações que dialogam com a nossa atualidade a ponto de se comparar e discutir, encontramos nesse ato de leitura e reflexão o grande tempo que Bakhtin aborda em seu livro. Isso é o que traz mais sentido para a literatura. Assim, as aulas de leitura deixam de ser decorativas para se tornarem utilitárias.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Editora 34, 2017.

PAULINO, Graça. **Formação de leitores**: a questão dos cânones literários. Revista Portuguesa de Educação, vol. 17, núm. 1, 2004, pp. 47-62 Universidade do Minho, Braga, Portugal. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37417104>. Acesso em 14 de novembro de 2022.

CÂNDIDO, Antônio Candido. **Literatura e sociedade**. Editora: Ouro sobre azul. Rio de Janeiro, 2006.

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Willian Timóteo Oliveira

Andando no supermercado, perto da seção de cervejas caras, onde normalmente nunca entro, tinha uma moça sorridente oferecendo para degustação uma cerveja de trigo, com toques cítricos e sementes de coentro. Uma delícia! Peguei seis garrafas, tirando do carrinho os latões de cervejas da promoção que havia comprado. A moça da degustação ficou feliz por realizar a venda e eu saí satisfeito porque naquele momento acreditava que essa bebida cara, de trigo, com toques cítricos e sementes de coentro era o que precisava para escrever minha memória literária. Já estou na terceira garrafa, ainda continuo achando a cerveja deliciosa, mas essa harmonização de cerveja com escrita não casou muito bem. Acho que a cerveja serviu para embaralhar ainda mais as lembranças. Recomendo a harmonização da cerveja com um presunto de parma e não com produção escrita.

Acredito que minha ideia inicial de alinhar álcool com a atividade proposta nem é tão errada assim, o problema é o ambiente. A tela e teclado do computador deveriam ser substituídos por uma mesa de bar. Em uma roda de conversa, entre um litrão (aqui recomendo o mais barato mesmo) e outro, relembraríamos histórias e causos sentados em cadeiras desconfortáveis, mas confortáveis em nossas fabulações.

Contudo, de qualquer forma, um ponto positivo que a bebida traz é desinibição. Sou do tipo que não conta tudo nem para a terapeuta. Não seria muito diferente aqui, mas como nunca fui à terapia após ter bebido, penso que, neste espaço, as coisas possam vir mais à superfície. Não sei exatamente por onde começar, porém, entre um gole e outro nessa nuvem de lembranças, vou construindo minha trajetória narrativa.

Vou aproveitar essa desinibição e a possibilidade de colocar a culpa no álcool para fazer uma confissão: tenho horror à coleção Vaga-lume. E falo isso não por julgar a qualidade das obras, mas simplesmente

porque eles nunca fizeram parte da minha vida. E quando surge uma conversa sobre práticas de leitura na infância, sempre tem aquele amigo que tinha toda a coleção, que leu todos os livros ou que sobe a um pedestal quando diz que, aos 12 anos, chorou ao ler *O Meu Pé de Laranja Lima*. Isso para mim é uma punhalada. Parece que vivi minha infância em uma caverna comendo caroço de jaca cozido. Se eu levasse essa história para minha terapeuta, provavelmente ela diria que preciso trabalhar com sentimento de inveja. Todavia, como não estou pronto para isso, não quero ouvir ninguém falando perto de mim sobre experiências literárias antes da maioridade.

Na minha infância, é claro, não vivi em uma caverna. Pelo contrário, era impossível o isolamento. Lembro de várias portas no quintal cheio de casas. Eram acessos à família do outro, ao prato do outro, às histórias do outro. Eram narrativas que se misturavam. As casas não tinham livros, mas muito era contado. Nunca nos faltou ¹fabulação. Hoje, quando os livros são uma realidade na minha vida, reconheço várias das histórias que ouvi e experimentei na infância, representadas nos livros. Como gostaria de dizer para minha avó que a vida dela, em Santa Leopoldina, ainda menina, está retratado em *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior. E, para mim, o romance foi tão potente, pois antes de Itamar Vieira contar sua história, eu tive Jacira, entre uma laranja e outra, contando para os netos as lembranças de sua juventude e que anos mais tarde pude reconhecer na obra de Vieira. A literatura contribuiu para que eu me conhecesse e reconhecesse.

Antes de continuar, preciso fazer uma correção. Na minha infância, lembro-me de livros. Um, era a bíblia. Havia muitas bíblias de todos os tamanhos e formatos possíveis. Era bíblia gigante no altar, sempre aberta na mesma página, tinha a que cabia no bolso, em quadrinho, acredito que chegou até as narrações em CD-ROM na voz de Cid Moreira. E eu era fera nas histórias bíblicas. Atualmente, não sei o que seria “Obadias”. Uma pessoa? Uma cidade perdida? Um espírito? Embora, naquela época, ganhava todos os jogos na igreja. Provavelmente, se fosse os dias atuais, poderia ser consultor de novelas bíblicas na rede Record.

Deixando de lado a triste possibilidade de ser funcionário do bispo Macedo, uma situação me intriga. Como professor, tenho muita

dificuldade em inserir a literatura clássica em sala de aula, levar o cânone aos alunos é uma tarefa árdua. Não era o caso da minha mãe que colocava os filhos para ler I e II Crônicas, Reis, Juizes e outros livros do Velho Testamento. Não quero comparar a literatura clássica ou canônica ao enfadonho livro bíblico de Crônica, porém, se eu sobrevivi à leitura de Êxodo, não entendo por que meus alunos torcem tanto o nariz para os clássicos da literatura. Afinal, ler *As mil e uma noites* é muito mais divertido que ler sobre a genealogia de José. Mas também não quero fazer desse texto as lamentações de Jeremias, graças à minha mãe, sei da rivalidade de Esaú e Jacó, antes de conhecer os filhos de Natividade, do livro de Machado de Assis. A próxima vez que algum amigo começar a rememorar lembranças afetivas com o livro *Meu Pé de Laranja Lima*, vou falar que melhor que conhecer as aventuras de Zezé, é saber a genealogia de Isaque.

Graças à cerveja de coentro com toque de trigo e semente de cítrico, não sei mais o que deveria estar nessa narrativa e o que é material para a terapia, mas outra lembrança que minha terapeuta deveria saber é sobre os livros *Amarelinho* e *O burrinho que queria ser gente*. Amarelinho e Ohnirrub Dorique são, respectivamente, personagens dos livros citados. E na minha família, virou sinônimo para zombaria. Todo mundo conhecia os livros, mesmo aqueles que não os leram. Se alguém fizesse algo ruim, não estivesse se alimentando direito ou estivesse mal arrumado, logo era chamado de Amarelinho, o protagonista do livro, um menino em situação de rua. Mas a pior ofensa era ser chamado de Ohnirrub Dorique. A minha família adaptou o nome para “Odorico Dorique”. E o chiste servia para tudo. Tirou nota baixa? Odorico Dorique. Falou algo errado? Odorico. Não se comportou bem nos eventos da família? Dorique. O burrinho que queria ser gente virou uma ofensa, usado por todos.

Neste momento de revisita à memória, percebo que a literatura já aprontou poucas e boas comigo. Na escola, nos anos iniciais, não houve livros. As cartilhas e o livro didático eram o que mais se aproximavam do texto literário. E o pouco de literatura que tinha não me favorecia muito. Era o último ano do ensino fundamental e em uma festa da escola, a professora teve a brilhante ideia de que o único aluno negro da sala recitasse o poema “Dorme, pretinho”. Foram dias lendo o poema do

livro didático e a cada leitura eu odiava o menino preto engraxate que dormia enrolado no jornal. Hoje, lendo o poema de Sérgio Caparelli, reconheço toda a beleza do texto, mas, na quarta série, não nutria simpatia pelo pretinho. No dia da apresentação, consegui faltar ao evento, ganhei a antipatia da professora, porém, com nove anos, inventar uma dor de barriga para não ir à escola, era minha forma de resistência.

Como já disse, não tenho por hábito contar tudo com facilidade. Acho que foi no livro *Amor* da Toni Morrison que li algo como nunca revelar tudo sobre nós. E não falo isso para parecer culto, porque o que pretendo esconder nesse momento da narrativa, não tem nada de intelectual. Por isso, prefiro não detalhar meu contato com a obra de Sidney Sheldon. O meu interesse pelo autor, já no final da adolescência, era pelo conteúdo erótico da obra do escritor americano. Acredito que tenha sido nesse momento que comecei a desaprender o que foi ou o que é um “Obadias” que a bíblia citava. Entretanto, sairei em defesa do jovem que um dia fui. Os textos de Sidney Sheldon não só me fizeram pecar, mas também trouxeram um certo interesse pela leitura. Saindo em defesa da minha versão jovem, vou usar minha autoridade de professor de língua portuguesa, para uma absolvição, afirmando que Sidney Sheldon foi uma porta de entrada para meu interesse literário. Pode não ter sido tão grandioso como os meus amigos com *O Meu Pé de Laranja Lima*, porém, entrei no mundo literário por algum lugar. E, não! Sei que “entrar por algum lugar”, tratando de livros do autor americano, poderia gerar comentários de duplo sentido, não os farei, pois, essa nunca foi a minha intenção.

Contudo, nem só de raiva e vergonha vive meu passado literário. Mas, para falar sobre isso, preciso antes falar dele, professor Robério. Ele apareceu no meu último ano do ensino regular. Uma figura que destoava dos demais professores. Magro, cabelo volumoso, óculos de intelectual e roupas que pareciam ter sido compradas em uma feira hippie. Ele poderia facilmente passar por um integrante dos Novos Baianos. E é bom ligá-lo à música porque as aulas dele eram bastante musicais. Estamos falando de um professor que levava caixa de som para a sala de aula. Isso foi o máximo de tecnologia que experimentei na escola pública. A escola até tinha laboratório de informática, mas estava um pouco atrasada. Aprendíamos digitação em máquina de

escrever. Antes que alguém diga que isso era datilografia, a nossa máquina era elétrica e a professora de informática dizia ser muito parecida com um computador. Deixando a pré-história de lado, volto ao professor Robério.

O conto era *Frederico Paciência*, de Mario de Andrade. O texto foi disponibilizado em cópias para os alunos e o trabalho era fazer uma análise escrita do conto. Na primeira leitura, já senti o impacto. Era um conto de temática homoerótica. Como assim aquilo na sala de aula? O assunto sendo abordado sem zombarias? Dois jovens na escola diante de uma história de amor? Isso é possível? O conto foi uma explosão.

Não lembro exatamente como fiz a pesquisa para o trabalho, certeza de que não foi no Google, provavelmente meus métodos de pesquisa foram como os maias e astecas faziam, contudo, era tanta empolgação, que nas minhas leituras sobre o conto e Mario de Andrade, cheguei em uma briga que Mario teve com Oswald de Andrade e que custou a amizade dos escritores. E a discórdia nasce das insinuações feitas por Oswald de Andrade em relação à sexualidade do autor de *Macunaima*. Puro suco de fofoca literária.

Lembro de levar isso para o meu trabalho do professor Robério, porém, tinha muito receio de escrever questões relativas à sexualidade de Mario de Andrade. Na verdade, o medo era escrever sobre homossexualidade. E, para piorar, na correção, algo que nunca esqueci, foi a anotação que o professor fez na minha pesquisa: havia suspeita. Suspeita? Como assim? A princípio, achei que a suspeita poderia ser em relação a algo sobre mim. Entretanto, após ir questionar o professor em um trabalho que tirei nota máxima, ele me respondeu o que era evidente, que o “havia suspeita” eram as insinuações sobre a vida de Mario de Andrade. Um conto, escrito no início do século XX, também era sobre mim. E outras experiências surgiram quando levei esse mesmo conto para os meus alunos do século XXI. Agora, eles deixaram as insinuações de lado e desejaram um final feliz para Juca e Frederico, personagens do conto. Mario, Juca, Frederico, eu e tantos outros ganhamos liberdade quando essa garotada teve contato com a obra.

Fiz questão de trazer o professor Robério nessas minhas memórias por ser com ele que aprendi a potência de uma obra literária. Para além de períodos literários, didatização da literatura, mas a leitura

da obra. Descobri quem foi João Cabral de Melo Neto, assistindo à filmagem de peça teatral de *Morte Vida Severina*. As rodas de leitura para ler os contos do livro *Laços de Família*, foi como conheci Clarice Lispector. Só não citava Clarice nas redes sociais porque não existiam na época. Em sala de aula, ouvíamos de “Haiti” de Gil e Caetano a “Feira de Acari” de MC Batata.

Como é possível ver, o professor Robério é minha inspiração profissional. Muitas vezes não consigo alcançar esse ideal de professor. Tenho minha própria história e meus desafios em sala são outros. Entretanto, o contato com esse professor, provavelmente idealizado em minhas memórias, é o que quero alcançar. Sei que estou longe de parecer um “muso” da Tropicália e que morreria de calor com camiseta de crochê, mas gostaria muito de inspirar meus alunos como o professor Robério me inspirou.

Por fim, ainda acredito que teria sido mais divertido contar tudo isso em uma mesa de bar. Ademais, outro problema que só agora percebo. Não me identifiquei em um texto memorialístico. Seria isso um problema de identidade?

Seja como for, vai servir como material de terapia na próxima sessão.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. A ciência da literatura hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*). In: BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização e posfácio de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, 34, 2017. p.9-20.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 17, núm. 1, 2004, pp. 47-62 Universidade do Minho, Braga, Portugal. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37417104>. Acesso em 14 de novembro de 2022

PEDROSA, Francineide Batista de Sousa; AURELIANO, Francisca Edilma Bragasoares. **As narrativas literárias:** contribuições para a formação de alunos leitores. Disponível em: AS NARRATIVAS LITERÁRIAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE ALUNOS LEITORES (editorarealize.com.br)

SOBRE AS ORGANIZADORAS

LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO

(E-mail: leticia.carvalho@ifes.edu.br)

Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), com lotação no campus Vitória e atuação na Área de Letras e Educação, na graduação presencial em Letras-Português, na graduação a distância em Letras-Português e nos Programas de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH) e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), em disciplinas cuja discussão central seja a Literatura e a Educação, a pesquisa em Literatura e Ensino e as repercussões da teoria e crítica literária na escola. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2012); Mestre em Estudos Literários pela UFES (2004) e Licenciada em Letras-Português pela UFES (1999). Integra o grupo de pesquisadores do Grupo de Pesquisas Culturas, Parcerias e Educação do Campo (UFES) e Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEBAKH - UFES). É líder do grupo de pesquisas Núcleo de Estudos em Literatura e Ensino (IFES - Campus Vitória). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e ensino, prática de ensino de língua e literatura, linguagem, formação de professores, pedagogia social e educação profissional.

MARCELA ALVARENGA TONIATO CORA

(E-mail: maatcora@gmail.com)

Mestranda do PPGEH – Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades - Ifes Vitória, em que realiza pesquisa na área de Literatura e formação de professores. Graduada em Letras Português pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - Ifes. Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes. Pós-Graduada em Fisiologia do Exercício. Prescrição do

Exercício pela Universidade Estácio de Sá/RJ. Pesquisadora da área de Literatura, Linguagens e Formação docente, com interesse especial pela literatura de Machado de Assis.

SOBRE OS AUTORES/AUTORAS DAS NARRATIVAS DOCENTES

Todos os autores/autoras das narrativas docentes são mestrandos(as) do Profletras – Ifes Vitória, além de professores de Língua Portuguesa da rede pública do estado do Espírito Santo, atuando no Ensino Fundamental II. As narrativas foram produzidas no contexto da disciplina “Literatura e Ensino”, no segundo semestre de 2022.

"A presente obra reúne textos de educadores, professores pesquisadores, com suas memórias e narrativas acerca do trabalho, tão importante, com o ensino de leitura e formação de leitores na educação básica, sobretudo, é uma obra que versa sobre linguagens e literatura.(...) . É uma obra necessária para os tempos atuais, tempos em que, talvez, já não saibamos mais falar sobre esperanças. Falar sobre o ensino de leitura e literatura é também falar sobre esperanças. Falar sobre a própria experiência leitora, e estórias vivenciadas pela leitura e imersões literárias é falar sobre esperanças. Que continuemos então a nos atrever a falar sobre esperanças, sobre nossas estórias e memórias enquanto leitores, que saibamos resgatar esse amor pela leitura, ressignificando olhares e experiências sobre o próprio ato de ler, de ser, de ensinar a ler o texto, o outro, o mundo e a vida".

Dra. Mayelli Caldas de Castro
Instituto Federal do Espírito Santo

